



RAFAEL DE BRITO SOUSA

**RESGATE HISTÓRICO DA PAISAGEM URBANA E DAS
PRAÇAS DO SERRO-MG**

**LAVRAS - MG
2017**

RAFAEL DE BRITO SOUSA

RESGATE HISTÓRICO DA PAISAGEM URBANA E DAS PRAÇAS DO SERRO-MG

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do programa de Pós-Graduação em Agronomia/Fitotecnia, área de concentração em Produção Vegetal, para a obtenção do título de Mestre.

Profa. Dra. Patrícia Duarte de Oliveira Paiva
Orientadora

Dra. Schirley Fatima Nogueira da Silva Cavalcante Alves
Coorientadora

LAVRAS - MG
2017

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

Sousa, Rafael de Brito.

Resgate histórico da paisagem urbana e das praças do Serro-
MG / Rafael de Brito Sousa. - 2017.

92 p. : il.

Orientador(a): Patrícia Duarte de Oliveira Paiva.

Coorientador(a): Schirley Fatima Nogueira da Silva Cavalcante
Alves.

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de
Lavras, 2017.

Bibliografia.

1. Jardins Históricos. 2. Paisagens. 3. Estrada Real. I. Paiva,
Patrícia Duarte de Oliveira. II. Alves, Schirley Fatima Nogueira da
Silva Cavalcante. III. Título.

RAFAEL DE BRITO SOUSA

RESGATE HISTÓRICO DA PAISAGEM URBANA E DAS PRAÇAS DO SERRO – MG

HISTORICAL RESCUE OF THE URBAN LANDSCAPE AND SQUARES OF SERRO - MG

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Agronomia/Fitotecnia, área de concentração em Produção Vegetal, para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 24 de março de 2017.

Dra. Schirley Fatima Nogueira da Silva Cavalcante Alves UNILAVRAS

Dra. Rosângela Alves Tristão Borém UFLA

Dra. Simone Novaes Reis EPAMIG

Dra. Patrícia Duarte de Oliveira Paiva
Orientadora

LAVRAS – MG
2017

À minha família e amigos por todo amor e incentivo,

Dedico

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pela inspiração e sabedoria concedida que foram cruciais para conclusão dessa etapa.

À minha Orientadora, Patrícia Duarte de Oliveira Paiva e a minha Coorientadora, Schirley Fatima Nogueira da Silva Cavalcante Alves, pelo exemplo e incentivo.

A toda equipe do programa de Pós-graduação UFLA, em especial à secretária Marli dos Santos Túlio, pela paciência e auxílios diários.

À Universidade Federal de Lavras, ao Departamento de Agricultura, em especial ao Setor de Floricultura e Paisagismo, pelas oportunidades e ensinamentos compartilhados.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio à esta pesquisa.

Ao professor, José Aldo Alves Pereira e pós-doutorando Cleber Lazaro Rodas pelo apoio e conselhos.

Aos amigos serranos Let da pousada Serrana, pela hospitalidade e carisma, à historiadora Zarinha (Zara Simões), por todo material disponibilizado e as conversas esclarecedoras e, em especial, Joyce Costa, que me acompanhou desde o primeiro dia e esteve junto em todos os momentos com suas músicas e poesias inspiradoras.

Aos meus pais, irmãos e familiares que se mantiveram firmes na retaguarda me apoiando a qualquer custo.

Aos grandes amigos que de perto ou de longe estavam junto comigo mesmo que em pensamento, nos momentos felizes, nos momentos difíceis, nas confraternizações, nas reuniões, nas viagens, em especial à Aline Mundim (Kiki), que entrou comigo neste barco e atravessamos juntos várias tempestades. E a todos os demais componentes da equipe Serro/ São Joao del Rei, Raiy, Mariel, Francilene (Fran), Cecília (Cissa). Saudades dos caldos e salgados!

Aos amigos de pós-graduação, NEPAFLOR pelos auxílios nas execuções dos trabalhos e pelos grandes momentos juntos.

MUITO OBRIGADO!

“Para construir o futuro, temos que conhecer o passado.” (Otto Frank)

RESUMO

A história do estado de Minas Gerais, Brasil, está diretamente ligada à construção de estradas por exploradores de ouro e diamantes, conhecida como a Estrada Real. Estudar os jardins construídos em cidades localizadas ao longo desta estrada, muitos com valor histórico, ajuda a compreender e a apreciar a sua história. Assim, é possível ligar o passado ao presente e acrescentar valor ao conjunto arquitetônico e cultural para incentivar o turismo, promover e preservar o ambiente e, sobretudo, valorizar a história da sociedade por meio dos jardins. A grande questão deste trabalho foi descobrir como surgiram esses jardins nas cidades formadas ao longo da Estrada real, e como foram apropriados e modificados pela sociedade ao longo do tempo, tendo como objeto de estudo os jardins do Serro e as paisagens do seu entorno. A metodologia consistiu de análise inventiva, associada à análise subjetiva e considerações acerca da intervenção e preservação de jardins históricos. O estudo da evolução desta área baseia-se na análise das transformações morfológicas na paisagem e nas praças durante o desenvolvimento da cidade. A cidade de Serro era sede de um dos quatro distritos de Minas Gerais. A cidade ainda mantém muitas características das moradias do século XVIII e é marcada pela forte presença dos traços do período barroco. As casas estão dispostas em forma de anfiteatro seguindo a curva de nível do terreno bastante inclinado e a junção dos quintais ajardinados formam uma massa verde. A cidade se formou no entorno de suas várias igrejas ao longo da estrada real, onde os adros ou largos dessas igrejas foram dando espaço as atuais praças da cidade, como o Largo da Matriz, o largo do Rosário e o Largo da Cavahada, atual Praça João Pinheiro, que é o principal ponto de encontro e manifestações culturais da cidade. A maioria das praças do Serro possui monumentos de valor histórico e cultural para a população e estão constantemente sendo utilizadas como palco de eventos. Nenhuma das praças possui arborização adequada, e o ordenamento das plantas não possui planejamento ou estudo. A paisagem do Serro se manteve preservada até a década 1980, quando começou a ocupação indevida dos quintais e espaços livres. O governo tem financiado projetos de requalificação e restauração de várias dessas áreas, porém faltam estudos com relação ao histórico de utilização de espécies ornamentais e árvores adequadas para arborização da cidade.

Palavras-chave: Jardins históricos. Paisagens. Estrada real.

ABSTRACT

The history of the State of Minas Gerais, Brazil, is directly connected to the construction of roads by gold and diamond explorers, such as the one known as the Royal Road. Studying the gardens built in cities located along this road, many of which have a historical value, helps understand and appreciate their history. Therefore, it is possible to connect past and present, adding great value to the cultural-architectural set, promoting tourism, preserving the environment, and, above all, valorizing the history of the society through gardens. The main questions in this research were how these gardens emerged in the cities founded along the Royal Road, and how society appropriated and modified them throughout time; the gardens and landscape of Serro were used to answer these questions. The methodology consisted of inventive analysis, associated to the subjective analysis, regarding the preservation of gardens and historical heritage. The study on the evolution of this area is based on the analysis of the morphological transformations to the landscape and to the parks, as the city developed. Serro used to be the seat of one of the four districts of Minas Gerais. There are still many features of the 18th century villas in the city, such as an abundance of Baroque details and characteristics. Steep hills arrange the houses as an amphitheater and the combination of fruit and vegetable gardens creates an impressive green view. The city grew around its many churches, and the churchyards and squares (named *largos*) made room for today's public parks in the city, such as the *Largo da Matriz*, *Largo do Rosário* and *Largo da Cavalhada*, currently João Pinheiro Square, which is now the main spot for meetings and cultural demonstrations in town. Most parks in Serro have monuments with historical and cultural value for the population and are constantly being used as a stage for events. None of the squares is properly arborized, and the arrangement of the plants lacks planning or study. The landscape of Serro was preserved until the 1980s, when the improper occupation of backyards and open spaces began. The local government has been financing restoration projects in several of these areas, but there is a need for studies regarding the use of ornamental species and suitable trees for urban forestry.

Keywords: Historical Gardens; Landscapes; Royal Road

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa com a localização da cidade do Serro no estado de Minas Gerais.	28
Figura 2 - Mapa cartográfico indicando perímetro urbano e suburbano do Serro em 1939..	29
Figura 3 - Ocupação do Serro durante sua expansão.....	33
Figura 4 - Desenho ilustrativo das casas espaçadas entremeadas de vegetação na cidade do Serro.	34
Figura 5 - Reprodução de uma pintura feita por A. Schirmer, 1870, mostrando a paisagem do entorno da Igreja de Bom Jesus do Matozinhos.	35
Figura 6 - Largo da Matriz e casas do entorno.	36
Figura 7 - Vista do Largo da Matriz com o busto de Juscelino Kubitschek.....	37
Figura 8 - Vista frontal da Igreja da Purificação.	38
Figura 9 - Praça Dom Epaminondas nos anos de 1964 e 2016.	39
Figura 10 - Igreja de Santa Rita com destaque para a posição elevada do largo e a escadaria de acesso.	39
Figura 11 - Largo do Rosário com cruzeiro do martírio de Cristo e Igreja do Rosário ao fundo.	40
Figura 12 - Igreja do Carmo e seu largo com escadaria em forma de cálice e muro com trepadeira.....	41
Figura 13 - Praça João Pinheiro.....	42
Figura 14 - Igreja de Bom Jesus do Matozinhos e seu largo.	42
Figura 15 - Imagem da frente do antigo prédio da cadeia mostrando a Praça Teófilo Ottoni.	43
Figura 16 - Praça Dr. Andrade em declive e calçamento pé de moleque e nos dias atuais com piso nivelado em degrau e calçamento com quartzito São Tomé.....	44
Figura 17 - Praça Pedro Lessa destacando a imagem de N. Sra. da Conceição.	45
Figura 18 - Praça do Cruzeiro mostrando os detalhes do martírio de Cristo sobre a cruz.	46
Figura 19 - Mapa representativo com localização das praças e igrejas do Serro.	47
Figura 20 - Vista panorâmica do Serro mostrando as principais igrejas e construções e seus quintais na década de 1940.	49
Figura 21 - Fotos comparativas mostrando a descaracterização da paisagem pela ocupação dos quintais no decorrer dos anos.	51
Figura 22 - Ocupação nos quintais nas casas que ladeiam a escadaria da Igreja de Santa Rita.	52
Figura 23 - Localização da cidade do Serro na região da Serra do Espinhaço no estado de Minas Gerais.	61
Figura 24 - Localização da praça João Pinheiro.....	62
Figura 25 - Chafariz da Praça Dom Joaquim em Conceição do Mato Dentro, semelhante ao extinto chafariz da Praça João Pinheiro em Serro.	67
Figura 26 - Largo da Cavahada durante as primeiras décadas do século XX, já com chafariz e poste de iluminação.....	68
Figura 27 - Lançamento da pedra fundamental do monumento do Dr. Vieira de Andrade em 1913.....	69
Figura 28 - Fotografia do coreto do Largo da Cavahada no início do século XX.....	70
Figura 29 - Postal do Jardim Público do Serro com igreja do Carmo ao fundo (década de 1940).	71
Figura 30 - Entorno da praça João Pinheiro com suas principais construções.....	72
Figura 31 - Jovens e crianças se divertindo na Praça Joao Pinheiro.	73
Figura 32 - Busto em homenagem a Joao Pinheiro da Silva.	74

Figura 33 - Busto em homenagem ao General Antônio Ernesto Gomes Carneiro.....	75
Figura 34 - Praça João Pinheiro após a reforma mostrando o degrau formado em relação a rua.	75
Figura 35 - Praça João Pinheiro após a reforma na década de 1940.	76
Figura 36 - Praça João Pinheiro na década de 1980.	77
Figura 37 - Bustos em homenagem aos serranos Ephigênio Ferreira de Salles (esquerda) e Teófilo Benedito Ottoni (direita).	78
Figura 38 - Monumento em homenagem aos Tropeiros, atualmente localizado na entrada da Chácara do Barão do Serro.	79
Figura 39 - Praça João Pinheiro ainda com as Palmeiras Imperiais e o Oiti.	80
Figura 40 - Canteiros da Praça João Pinheiro.....	81
Figura 41 - Praça Joao Pinheiro em 2016.....	81
Figura 42 - Projeto atual da Praça João Pinheiro.....	82
Figura 43 - Procissão do Santíssimo Sacramento no Largo da Cavahada e na rua Barão de Diamantina (década de 1940).	83
Figura 44 - Representação dos marujos e caboclos durante a festa do Rosário em Serro MG. 84	
Figura 45 - Proposta de revitalização da Praça João Pinheiro.....	86

SUMÁRIO

	CAPITULO 1 INTRODUÇÃO GERAL	12
1	INTRODUÇÃO	12
2	REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1	Os jardins históricos e sua importância social	14
2.2	Pesquisas com jardins históricos e paisagens.....	16
2.3	Estrada real	17
2.3.1	Caminho dos diamantes	17
2.4	A cidade do Serro - MG	18
2.5	Projeto estrada real	19
2.6	Praças e jardins na Estrada Real	20
	REFERÊNCIAS	21
	CAPITULO 2 ORIGEM E EVOLUÇÃO DA PAISAGEM URBANA DO SERRO	25
1	INTRODUÇÃO	27
2	METODOLOGIA	28
2.1	Área de estudo.....	28
2.2	Pesquisa	29
3	RESULTADOS E DISCUSSÃO	31
3.1	Origem e formação da cidade do Serro	31
3.2	Praças e Igrejas do Serro	35
3.3	Outras praças do Serro	43
3.3.1	Praça Teófilo Ottoni (Antiga Floriano Peixoto).....	43
3.3.2	Praça Dr. Andrade.....	44
3.3.3	Praça Pedro Lessa (Praça recente)	44
3.3.4	Praça Gracindo Ferreira Maia (Praça do Cruzeiro).....	45
3.4	Quintais do Serro.....	48
4	CONCLUSÕES	53
	REFERÊNCIAS	54
	CAPITULO 3 EVOLUÇÃO HISTÓRICA E CULTURAL DA PRAÇA JOÃO PINHEIRO	57
1	INTRODUÇÃO	59
2	Metodologia	61
2.1	Área de estudo.....	61
2.2	Pesquisa	62
3	RESULTADOS E DISCUSSÃO	65
3.1	Século XVIII - Origem da praça João Pinheiro a partir do Largo da Cavahada	65
3.2	Século XIX - Mercado e o rancho de tropas.....	66
3.3	Século XX - Jardim Público do Serro	69
3.3.1	Influência política: a ditadura e a grande transformação da praça	74
3.4	Século XXI - A atual Praça João Pinheiro	79
3.5	Festas reais e religiosas.....	82
3.6	Proposta de revitalização	84
4	CONCLUSÃO	88
	REFERÊNCIAS	89

CAPITULO 1

INTRODUÇÃO GERAL

1 INTRODUÇÃO

Os jardins históricos são importantes para o público, pois envolvem aspectos naturais e culturais. Os jardins históricos brasileiros possuem grande influência dos colonizadores europeus (DELPHIM, 2005). Os jardins seiscentistas e setecentistas brasileiros possuíam características utilitárias, misto de horta e pomares cercados por muros, assim como observado em Portugal e outros países europeus neste mesmo período.

As cidades do interior do Brasil, especialmente Minas Gerais, surgiram no entorno de igrejas e praças que iam sendo construídas ao longo de estradas reais para transporte de ouro e diamantes. Eram vários os caminhos que iam de Minas Gerais para o Rio de Janeiro, interligando cidades com rico valor cultural e paisagístico, que se preservaram desde sua colonização. O potencial turístico da região das estradas reais é grande, não só pelo seu valor histórico-cultural como também pela pluralidade dos seus atrativos, mas são poucas as informações sobre as paisagens e praças dessas cidades, provavelmente por serem desconhecidas, ou nunca terem sido estudadas com este enfoque. Os estudos sobre os jardins históricos brasileiros são recentes e as informações ainda remanescentes a respeito dos mesmos são de difícil acesso. Nota-se que a história dessas praças é desconhecida até mesmo pela população local e, também pelos pesquisadores do segmento de paisagismo e ajardinamento, pois estes são os primeiros estudos sobre os jardins do período barroco no Brasil, o que justifica a importância deste estudo.

Esta pesquisa fez parte de um projeto que tem por objetivo desenvolver o resgate histórico das Praças das Cidades Históricas da Região da Estrada Real. Dentro dessa linha, já foram realizadas as pesquisas de dezenove praças, nas cidades de Ouro Preto, Tiradentes, Mariana, São João Del Rei, Congonhas, Lavras, Conselheiro Lafaiete e Petrópolis. Situada no centro nordeste de Minas Gerais, na região central da serra do espinhaço, Serro foi escolhida como objeto de estudo neste trabalho devido sua importância para a história do estado de Minas Gerais e também do Brasil. Foi sede de uma das quatro comarcas da capitania das Minas Gerais, a primeira cidade a ter seu conjunto arquitetônico tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e a que melhor preservou as características das vilas setecentistas mineiras.

O objetivo deste trabalho foi realizar o levantamento paisagístico, com enfoque histórico e cultural de praças e jardins da cidade do Serro, afim de resgatar a identidade cultural ainda remanescente nesses espaços, despertando nas novas gerações o prazer e o entendimento que as gerações passadas estabeleceram com as praças, de forma a contribuir para a preservação das mesmas. Conhecer e compreender a história das praças e paisagens do Serro além de dar continuidade aos estudos já realizados, pôde ampliar e reforçar os conhecimentos sobre evolução histórica das cidades e dos jardins compreendidos na Estrada Real e assim registrar mais uma parte da origem e formação dos jardins no Brasil.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Os jardins históricos e sua importância social

No final da Segunda Guerra Mundial, em consequência da destruição das cidades europeias, iniciou-se processo de reconstrução das mesmas. Até a primeira metade do século XX, eram considerados Patrimônio Cultural apenas as edificações. A partir de então, as paisagens naturais passam a ser vistas com maior importância na reconquista urbana e surgem debates afim de preservá-las (ANDRADE, 2008).

Em reuniões promovidas pelo Comitê Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS), os jardins eram deixados sob segundo plano, por serem considerados artes menos complexas. Até que em 1970 foi fundado o Comitê Internacional de Jardins e Sítios, que criou em 1971 a definição de jardins históricos, como sendo uma composição arquitetônica e vegetal que do ponto de vista histórico e artístico é de interesse para o público. Esta definição veio a compor um dos artigos da Carta de Florença, publicada em 1981, e formalizou a preservação de jardins de interesse histórico (ANDRADE, 2008).

Artigo 1º - Um jardim histórico é uma composição arquitetônica e vegetal que, do ponto de vista histórico ou da arte, apresenta, um interesse público. Como tal é considerado monumento (CARTA DE FLORENÇA, 1981).

Sabendo que a arte dos jardins foi introduzida no Brasil pelos colonizadores, na sua grande parte composta de europeus, torna-se interessante refletir na ressalva de Ana Rosa de Oliveira (DELPHIM, 2005) sobre a sociedade colonial brasileira. Segundo esta pesquisadora, a sociedade colonial brasileira não foi uma extensão das culturas locais, mas uma transposição de leis, costumes e equipamentos das metrópoles colonizadoras. Esta sociedade foi formada a partir dessa diferença de ritmos de vida e de modalidades culturais que, desde o início foram se moldando entre formas primitivas e requintadas.

No início da colonização do Brasil, a vegetação aqui existente era vista como uma ameaça, um obstáculo a ser vencido para possibilitar o desbravamento e sobrevivência do homem através do plantio. Os primeiros jesuítas já cultivavam pomares e jardins, muitas vezes com papel catequético, em substituição aos plantios rudimentares típicos dos índios. Os negros traziam da África plantas para fins ritualísticos. De forma cronológica o jardim brasileiro se organiza desde a colônia, onde inicialmente assumiam funções rituais, litúrgicas ou

hagiológicas ou mesmo atendendo às necessidades de produção de alimentos e plantas medicinais. A partir do final do século XVIII, com a vinda da família real para o Brasil, surgiu a preocupação em se preservar e ordenar espécies vegetais na forma de jardins, muito mais por influência dos modelos europeus do que pelo despertar de um consciente preocupado com a preservação e o amor pela natureza (DELPHIM, 2005; SEGAWA, 1996)

Nos séculos XVII e XVIII os jardins no Brasil, em sua maioria, possuíam características utilitárias, misto de horta, horto, jardim de fruição e pomar nos espaços domésticos, cercados por muros ou gradeados. O que também era observado em Portugal e outros países europeus neste mesmo período (MAGALHÃES, 2013).

À medida que se formava esta nova sociedade, os jardins construídos no Brasil foram se transformando. Tanto a praça quanto o jardim público são modalidades do espaço urbano representativos das transformações das cidades europeias na transição da Idade Média para a Idade Moderna. A praça medieval europeia era um espaço popular da espontaneidade, da festa, da brincadeira, o mesmo não se pode dizer do jardim ou do parque público, criações materializadas enquanto espaços públicos urbanos a partir do século XVII. Por sua vez, o jardim era o refúgio espiritual que o ser humano idealizou para si, espaço da beleza estética qualificado pela sua procedência conceitual: italiano, francês, inglês, japonês. O jardim público era palco de jogos sociais de uma sociedade, lugar para ver e ser visto. Adentrar um jardim público exigia normas específicas de conduta como uma imposição de sociabilidade (SEGAWA, 1996). Porém, quase nada se sabe a respeito destes, a não ser pela descrição de cronistas da época, pinturas e desenhos de viajantes (MACEDO, 2015).

Estudar os jardins da Estrada Real e fazer emergir suas histórias, não é torná-los mais distantes, mas sim acolhê-los dentro do mundo cultural contemporâneo, e criar a possibilidade de se obter um turismo de maior qualidade, que possa agregar interesse do ponto de vista do patrimônio histórico, cultural e natural. É importante ressaltar ainda que o conhecimento do processo histórico de ocupação desses jardins bem como outras atividades antrópicas desenvolvidas nesses espaços poderão ajudar na proteção dos mesmos, pois enriquecem o valor de sua história, e contribuem para o processo de tombamento dos mesmos (DELPHIM, 2005).

Os jardins históricos são um testemunho rico da relação entre a cultura e a natureza de um lugar. Preservá-los não significa apenas cuidar de uma herança do passado, mas também fornecer subsídios que irão enriquecer a herança do futuro (CARTA DE JUIZ DE FORA, 2010).

2.2 Pesquisas com jardins históricos e paisagens

As publicações sobre os jardins começaram lentamente no início do século XX, apesar da forte presença desses espaços na malha urbana. Como resultado, não é fácil encontrar autores e livros que ofereçam informações precisas a respeito dos jardins de cada época, uma vez que está disperso entre publicações tais como o Almanak Laemmert, com textos sobre a corte brasileira, o ministério e a legislação imperial, catálogos turísticos e principalmente em relatórios institucionais, nos quais a questão é diluída em matéria de planejamento urbano ou de reabilitação de espaços públicos. Ao contrário, enquanto publicações sobre práticas de jardinagem ou a história dos jardins eram raras no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos, já havia um número significativo de trabalhos dedicados a esses temas (ANDRADE; TERRA, 2016)

Afim de encontrar uma metodologia que melhor atendesse ao objetivo da pesquisa foi feita uma combinação de métodos desenvolvidos pelos autores Lassus (1994), Luginbuhl (2006) e Delphim (2005) que são a análise inventiva, análise subjetiva e considerações a respeito da intervenção em jardins históricos.

Segundo Lassus (1994), por meio da análise inventiva é possível identificar os processos de evolução física e as práticas e costumes desenvolvidos no lugar interpretando os dados naturais, patrimoniais e sociais do mesmo. Isto resulta em identificar o que seria mais adequado na relação específica entre o lugar e suas práticas sociais.

Já Luginbuhl (2006) contribui com o conceito da análise subjetiva, que não conduz a uma avaliação mensurável, mas revela valores estéticos, fenomenológicos ou simbólicos. Este método está fundamentado na hipótese de que as paisagens e suas representações apontam valores atribuídos por suas populações, artistas ou mesmo por escritores que retratam os atributos estéticos ou simbólicos em suas obras.

Como parte das análises subjetivas, é interessante trabalhar com entrevistas narrativas semiestruturadas, pois podem identificar e caracterizar as experiências locais tornando possível compreender a apropriação pelos indivíduos destes sítios, na sua dimensão imaterial (LUGINBÜHL, 1998; RAYMOND et al., 2015).

De acordo com Muylaert (2014), por meio das entrevistas, experiências subjetivas podem ser transmitidas, permitindo um maior aprofundamento das investigações pela

combinação das histórias de vida dos entrevistados com o contexto sócio histórico dos locais estudados.

Neste tipo de levantamento de dados o número exato de entrevistas é determinado durante a pesquisa. Em condições ideais, a coleta de dados a partir de informantes-chave deve ser concluída quando as entrevistas não fornecem mais informações adicionais, pois a informação recolhida está sendo repetida. A condução das entrevistas foi baseada nos estudos de Droeven, Dubois e Feltz (2007), Laforest (2009), Luginbühl (1989), Luginbühl, Bontron e Cros (1994) e Michelin (1998). A abordagem das entrevistas é informal, para que os entrevistados se sintam à vontade para relatar suas experiências.

Para complementar a metodologia proposta por Lassus (1994) e Luginbuhl (2006) associou-se o estudo realizado por Delphim (2005), que adequou as propostas da “Carta de Florença” à realidade brasileira, no que diz respeito à intervenção em jardins históricos, dando orientações técnicas para conservação e preservação dos mesmos, assim como entorno de monumentos tombados e locais que também possuem restrições quanto a intervenções. O autor considera os aspectos individuais dos jardins, mostrando a evolução particular de cada um e suas próprias soluções.

2.3 Estrada real

Vários eram os caminhos que cortavam o Sudeste interligando as minas ao litoral do Rio de Janeiro e São Paulo. No final do século XVII a coroa portuguesa determinou a criação de um caminho oficial, com pontos de controle para fiscalização das riquezas e mercadorias, evitando, assim, o extravio das mesmas (CALAES; OLIVEIRA, 2009).

Inicialmente, em Minas Gerais, as estradas reais possuíam quatro eixos principais, formados em períodos históricos diferentes: o Caminho Velho foi inaugurado pelos bandeirantes e ligava a capitania de São Paulo às minas de ouro; o Caminho Novo, instituído pela Coroa Portuguesa, ligava o Rio de Janeiro à Vila Rica (Ouro Preto); o Caminho dos Diamantes, instituído pela Coroa como caminho oficial de Vila Rica ao distrito Diamantino e o Caminho da Bahia, importante via que possibilitava o tráfego de mercadorias provenientes da Bahia (GUERRA; OLIVEIRA; SANTOS, 2003).

2.3.1 Caminho dos diamantes

O percurso do Caminho dos Diamantes seguia a partir da Vila Rica até a Vila de Nossa Senhora do Carmo (atual Mariana), de onde seguia rumo a região do Tijuco (Diamantina), percorrendo caminhos por Catas Altas, Santa Bárbara, Bom Jesus do Amparo, Conceição do Mato Dentro, passando pela Vila do Príncipe (Atual Serro), Milho Verde e chegando no Tijuco. Este caminho tem uma extensão de 428 quilômetros (UMBELINO; CARVALHO; ANTUNES, 2009).

De acordo com Bessa (2011, p. 82) “O caminho dos Diamantes, ao contrário dos outros dois caminhos, tinha uma importância regional, pois ligava duas localidades dentro de uma mesma capitania [...]”. Umbelino, Carvalho e Antunes (2009, p. 65) cita que:

O chamado “Caminho dos Diamantes” era o caminho oficial, instituído pela Coroa Portuguesa, que ligava Vila Rica, atual Ouro Preto, ao distrito Diamantino. Após a descoberta do diamante na região do Serro Frio e do Tijuco, atual Diamantina, esse caminho tornou-se uma via regional de grande importância na capitania.

No início do Século XVIII, com a exploração de diamantes na região do Serro, foram demarcadas rotas para o escoamento de minérios, fluxo de migração e abastecimento da região. Bessa (2011, p. 229-230) comenta que:

O Caminho dos Diamantes, criado para o escoamento da produção mineraria, para a entrada de víveres e para o controle do Distrito Diamantino, segundo princípios de organização que visavam à dominação econômica, termina por ajudar, hoje, a dominação turística dos territórios por onde ele passa.

2.4 A cidade do Serro - MG

Serro se localiza a 67 km de Diamantina seguindo pelo Caminho dos Diamantes que passa pelos distritos de São Gonçalo do Rio das Pedras e Milho Verde. Sua origem, é datada de 1702, quando uma bandeira chefiada por Antônio Soares Ferreira, chegou na região em busca de ouro e diamantes anunciados pelos índios, que chamavam a região de Ibitu-ruí, que na língua tupi-guarani significa morro de ventos frios ou serro frio (ASSOCIAÇÃO DAS CIDADES HISTÓRICAS DE MINAS GERAIS - ACHMG, 2015).

Com a descoberta das jazidas de ouro, Serro rapidamente se desenvolveu, tornando-se sede de uma das quatro primeiras comarcas da Capitania das Minas Gerais, e o centro administrativo de maior conhecimento do norte de Minas (PREFEITURA MUNICIPAL DO SERRO - PMS, 2015; SOUSA, 1999).

No final do século XVIII e início do século XIX a extração mineral começou a cair na região, e a principal atividade econômica do Serro passou a ser a agricultura e pecuária, que mesmo não dando o mesmo retorno que a mineração foi e ainda é o que sustenta a economia serrana.

Apesar de ter permanecido por um tempo estagnada economicamente, hoje a cidade se destaca dentro do percurso turístico do Caminho dos Diamantes, não só pela beleza de suas paisagens naturais, mas também pelas suas riquezas culturais ainda preservadas, como os casarões setecentistas, as festas religiosas e o queijo minas que é considerado Patrimônio Imaterial.

2.5 Projeto estrada real

A Estrada Real foi de grande importância para o povoamento do estado de Minas Gerais. Aberta inicialmente pelos bandeirantes paulistas que buscavam ouro e diamantes pelo interior do Brasil, compõe atualmente um dos grandes projetos com potenciais turísticos do Brasil (GUERRA; OLIVEIRA; SANTOS, 2003).

Com o fim do ciclo econômico do ouro e dos diamantes, e com o início da industrialização, este caminho ficou por muito tempo adormecido, o que de certa forma ajudou na sua conservação e possibilitou hoje o surgimento de vários projetos de recuperação para explorar seu potencial turístico (POSTALI, 2012).

Em Minas Gerais o turismo era muito pontual e restrito a apenas algumas cidades históricas como São Joao Del Rei, Ouro Preto e Diamantina, mas a partir do ano de 1999, com a criação da Secretaria Estadual de Turismo e a promulgação da lei de criação do Programa Estrada Real, várias cidades que fazem parte da rota dos bandeirantes foram contempladas e beneficiadas pelo programa. Esta foi uma das maiores iniciativas do estado no intuito de desenvolver o turismo regional (SANTOS, 2001).

Apesar do potencial turístico da região, que além de sua importância histórico-cultural possui uma diversidade de atrativos, o IPHAN, por muito tempo, manteve o foco de seus trabalhos no patrimônio material arquitetônico, sendo as paisagens pouco valorizadas (MARQUES, 2009).

Este projeto tem crescido cada vez mais com a incorporação de outras cidades históricas que se localizam próximas às rotas estabelecidas pelo programa. Além disso, se tornou um modelo para a criação de novos roteiros turísticos pelo Brasil.

2.6 Praças e jardins na Estrada Real

Os estudos sobre a história dos jardins no Brasil são recentes e é difícil o acesso aos materiais disponíveis, que muitas vezes são livros e documentos de acervos pessoais, sem muitos exemplares (ANDRADE; TERRA, 2016). Para melhor compreender como se desenvolveu a arte dos jardins no Brasil, já está em andamento um projeto que propõe desenvolver o resgate histórico e paisagístico de praças e jardins de cidades históricas da região da Estrada Real, do qual faz parte essa pesquisa. Já foram realizadas as pesquisas de dezenove praças, em oito cidades diferentes: Praça Tiradentes em Ouro Preto (ALVES et al., 2015); Praça Gomes Freire em Mariana (ALVES; FIGUEIRESO; PAIVA, 2010); Praças Frei Orlando, Tancredo Neves (GARCIA; ALVES; PAIVA, 2011), Barão de Itambé, Largo do Carmo, Largo do Tamandaré, Largo da Câmara, Largo do São Francisco, Largo da Cruz, Praça Paulo Teixeira, em São João del Rei; Largo das Forras (ALVES; GARCIA; PAIVA, 2013) em Tiradentes; Praça do Campus Histórico da UFLA (PAIVA; ALVES, 2011), Praça da Estação, Praça Dr. Augusto Silva (SILVA; PAIVA, 2008), Praça Doutor Jorge em Lavras; Praça da Basílica de Bom Jesus de Matosinhos (JUSTE; PAIVA, 2015) em Congonhas; Praça Barão de Queluz em Conselheiro Lafaiete (NASCIMENTO; PAIVA, 2012) e o Jardim do Palácio Imperial de Petrópolis (LOURA, 2015).

REFERÊNCIAS

- ALVES, S. F. N. S. C. et al. Physical transformation and social appropriations of the Tiradentes square in Ouro Preto - MG. **Ornamental Horticulture**, Campinas, v. 21, n. 2, p. 209-220, 2015.
- ALVES, S. F. N. S. C.; FIGUEIREDO, M. A.; PAIVA, P. D. O. **História da Praça Gomes Freire: o jardim de Mariana**. Lavras: Editora UFLA, 2010. 32 p. (Coleção Praças da Estrada Real. Série cidades históricas, 1).
- ALVES, S. F. N. S. C.; GARCIA, C. S. G.; PAIVA, P. D. O. **História da Praça do Largo das Forras: o ponto de encontro de Tiradentes**. Lavras: Editora UFLA, 2013. v. 4. 29 p (Coleção Praças da Estrada Real. Série cidades históricas, 4).
- ANDRADE, I. E. Construção e desconstrução do conceito de jardim histórico. **Risco: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo**, São Carlos, n. 8, p. 138-144, 2008.
- ANDRADE, R.; TERRA, C. A historiography on the gardens of Brazil. **Ornamental Horticulture**, Campinas, v. 22, n. 1, p. 7-19, 2016.
- ASSOCIAÇÃO DAS CIDADES HISTÓRICAS DE MINAS GERAIS. **História de Serro**. Disponível em: <<http://www.cidadeshistoricasdeminas.com.br/cidade/serro/historia/>>. Acesso em: 23 maio 2015.
- BESSA, A. S. M. **A construção das paisagens turísticas nos descaminhos da Estrada Real**. 2011. 280 p. Tese (Doutorado em Paisagem e Ambiente) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- CALAES, G. D.; OLIVEIRA, L. C. A Estrada Real e a Transferência da Corte Portuguesa: Programa Rumys - Projeto Estrada Real. In: CALAES, G. D.; FERREIRA, G. E. (Org.). **A Estrada Real e a Transferência da Corte Portuguesa**. Rio de Janeiro: CETEM / MCT / CNPq / CYTED, 2009. p. 21-45.
- CARTA DE FLORENÇA. 1981. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/responsabilidade-social/bosque-dos-constituintes/tombamento/carta-de-florenca>>. Acesso em: 7 mar. 2015.
- CARTA DE JUIZ DE FORA: carta dos jardins históricos brasileiros. Juiz de Fora: IPHAN, 2010. p. 13.
- DELPHIM, C. F. M. **Intervenções em Jardins Históricos**: manual. Brasília: IPHAN, 2005.
- DROEVEN, E.; DUBOIS, C.; FELTZ, C. Paysages patrimoniaux en Wallonie (Belgique), analyse par approche des paysages témoins. **Cahier D'économies et Sociologie Rurales**, Paris, n. 84/85, p. 215-243, 2007.

GARCIA, C. S. G.; ALVES, S. F. N. S. C.; PAIVA, P. D. O. **História do Jardim da Avenida Tancredo Neves: a praia de São João Del-Rey**. Lavras: Editora UFLA, 2011. 35 p. (Coleção Praças da Estrada Real. Série cidades históricas, 3).

GUERRA, A.; OLIVEIRA, E. H.; SANTOS, M. **Estrada Real: análise crítica das políticas de exploração turística da Estrada Real adotadas pelo governo do estado de Minas Gerais no período de 1999 a 2003**. 2003. 56 f. Monografia (Especialização em Turismo e Desenvolvimento Sustentável) – Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

JUSTE, L. C.; PAIVA, P. D. O. Historic rescue of the square of the Basílica of Bom Jesus de Matosinhos at Congonhas, Minas Gerais. **Ornamental Horticulture**, Campinas, v. 21, n. 1, p. 63-76, 2015.

LAFORREST, J. **Safety diagnosis tool kit for local communities: guide to organizing semi-structured interviews with key informants in the charting a course to safe living collection**. Quebec: Institut National de Santé Publique du Québec, 2009. v. 11, 26 p.

LASSUS, B. L'obligation de l'inventio: du paysage aux ambiances successives. In: BERQUE (Dir.). **Cinq propositions pour une théorie du paysage**. Paris: Champ Vallon, 1994.

LOURA, C. G. **Evolução histórico-cultural e paisagística dos jardins do Museu Imperial de Petrópolis-RJ**. 2015. 76 p. Dissertação (Mestrado em Fitotecnia/ Produção Vegetal) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2015.

LUGINBÜHL, Y. Au-delà des clichés... La photographie du paysage au service de l'analyse. **Strates**, Paris, v. 4, 1989. Disponível em: <<http://strates.revues.org/4072>>. Acesso em: 12 jan. 2014.

LUGINBÜHL, Y.; BONTRON, J. C.; CROS, Z. **Method pour atlas des paysage: identification et qualification**. Paris: Ministère de l'aménagement du territoire, de l'équipement et des transports. Direction de l'Architecture et de l'Urbanisme, 1994. 82 p.

LUGINBUHL, Y. Paysage et identification, qualification et objectifs de qualités. In: PAYSAGE et développement durable: les enjeux de la convention européenne du paysage. Strasbourg: Conseil de l'Europe, 2006.

LUGINBÜHL, Y. Symbolique et matérialité du paysage. **Revue de L'économie Méridionale**, Montpellier, v. 46, n. 183, p. 235-245, 1998.

MACEDO, S. S. Jardins Brasileiros: origem e relevância. In: PESSOA, A.; FASOLATO, D.; ANDRADE, R. (Org.). **Jardins históricos: a cultura, as práticas e os instrumentos de salvaguarda de espaços paisagísticos**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2015. 310 p.

MAGALHÃES, C. M. Jardins históricos brasileiros: arte, história e patrimônio. In: SEMINARIO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN EN URBANISMO, 5., 2013, Barcelona. **Anais...** Buenos Aires: Departament d'Urbanisme i Ordenació del Territori. Universitat Politècnica de Catalunya, 2013. p. 1630-1639.

MARQUES, D. A. D. **Estrada Real**: patrimônio cultural de Minas Gerais (?): um estudo de Diamantina e Serro. 2009. 271 f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Turismo) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

MICHELIN, Y. Des appareils photo jetables au service d'un projet de développement: représentations paysagères et stratégies des acteurs locaux de la montagne thiernoise. **Cybergeog: European Journal of Geography**, Paris, v. 65, 1998. Disponível em: <<http://cybergeog.revues.org/5351>>. Acesso em: 12 dez. 2013.

MUYLAERT, C. J. et al. Narrative interviews: an important resource in qualitative research. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 184-189, 2014.

NASCIMENTO, A. M. P.; PAIVA, P. D. O. **História da Praça Barão de Queluz**: o caminho para o ouro em Conselheiro Lafaiete. Lavras: Editora UFLA, 2012. 35 p.

PAIVA, P. D. O.; ALVES, S. F. N. S. C. **História da praça do campus histórico da UFLA**: aqui nasceu a universidade. Lavras: Ed. UFLA, 2011. 43 p.

POSTALI, M. **Caminho velho o Caminho novo e a rota dos Diamantes**. 2012. Disponível em: <<http://www.360graus.com.br/ecoturismo/default.asp?did=21028&action=geral>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DO SERRO. **O Serro**. Disponível em: <<http://www.serro.mg.gov.br/o-serro.html>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

RAYMOND, R. et al. **Les Atlas de paysages**: méthode pour l'identification, la caractérisation et la qualification des paysages. Paris: Ministère de l'Écologie, du Développement durable et de l'Énergie. République Française, 2015. 115 p.

SANTOS, M. **Estradas Reais**: introdução ao estudo dos caminhos do ouro e do diamante no Brasil. Belo Horizonte: Estrada Real, 2001.

SEGAWA, H. **Ao amor do público**: jardins no Brasil. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP, 1996.

SILVA, A. T.; PAIVA, P. D. O. **Do romantismo à atualidade**: Lavras, história de uma praça.... Lavras: Editora UFLA, 2008. 190 p

SOUZA, M. E. **Aconteceu no Serro**. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1999. 312 p.

UMBELINO, G. J. M.; CARVALHO, R.; ANTUNES, A. Uso da cartografia histórica e do SIG para a reconstituição dos caminhos da Estrada Real. **Revista Brasileira de Cartografia**, Rio de Janeiro, v. 61, p. 63-70, 2009.

CAPITULO 2

ORIGEM E EVOLUÇÃO DA PAISAGEM URBANA DO SERRO

RESUMO

A história do estado de Minas Gerais, Brasil, está diretamente ligada à construção do caminho percorrido pelos exploradores de ouro e diamantes, conhecido como Estrada Real. Estudar os jardins construídos nas cidades situadas ao longo deste caminho, muitas com valor histórico, ajuda a entender e valorizar sua história. A grande questão desta pesquisa foi saber como estes jardins públicos foram apropriados e modificados pela sociedade no decorrer do tempo. Dessa forma, tem-se como objeto de estudo a evolução da paisagem urbana do Serro, com destaque para suas praças, jardins e quintais. A metodologia aplicada constou de análise inventiva, aliada à análise subjetiva e de preservação de jardins como patrimônio histórico. O estudo da evolução dessa área baseia-se na análise das transformações morfológicas ocorridas na paisagem e nas praças durante o desenvolvimento da cidade. Serro foi sede de uma das quatro comarcas da capitania das Minas Gerais. A cidade ainda guarda muitas características das vilas do século XVIII e é marcada pela forte presença de características do estilo barroco. As casas são dispostas em forma de anfiteatro nas encostas dos morros e o verde é formado pela junção dos quintais ajardinados com frutíferas. Assim como em várias vilas mineiras, Serro se desenvolveu-se em torno das suas igrejas e ruas que as ligam, e os largos destas deram espaço às atuais praças públicas da cidade, como o Largo da Matriz, o Largo do Rosário e o Largo da Cavallhada, atualmente conhecida como Praça João Pinheiro, que é hoje o principal ponto de encontro e manifestações culturais da cidade.

Palavras-chave: Jardins históricos. Paisagens. Estrada real.

ABSTRACT

The history of the State of Minas Gerais, Brazil, is directly connected to the construction of roads by gold and diamond explorers, such as the one known as the Royal Road. Studying the gardens built in cities located along this road, many of which have a historical value, helps understand and appreciate their history. Therefore, it is possible to connect past and present, adding great value to the cultural-architectural set, promoting tourism, preserving the environment and, above all, valorizing the history of the society through gardens. The main question is how these public gardens were appropriated and modified by society throughout time. Thus, this work aimed at studying the gardens and landscape of Serro. The methodology consisted of inventive analysis associated with the subjective analysis, regarding the preservation of gardens and historical heritage. The study on the evolution of this area is based on the analysis of the morphological transformations to the landscape and to the squares as the city developed. Serro was the seat of one of the four districts of Minas Gerais. There are still many features of the 18th century villas in the city, marked by an abundance of Baroque details and characteristics. Steep hills arrange the houses as an amphitheater and the combination of fruit and vegetable gardens creates an impressive green view. The city grew around its many churches and the streets connecting them, and the churchyards called *largos* made room for today's parks in the city, such as the *Largo da Matriz*, *Largo do Rosário* and *Largo da Cavallhada*, currently João Pinheiro Square, which is nowadays the main spot for meetings and cultural demonstrations in the city.

Keywords: Historical Gardens; Landscapes; Royal Road

1 INTRODUÇÃO

As primeiras cidades mineiras surgiram no final do Século XVII e início do século XVIII, devido às várias bandeiras que se arriscaram nas matas e campos continente a dentro, afim de encontrar riquezas. Em 1702, uma bandeira chefiada por Antônio Soares Ferreira, chegou a região conhecida como morro dos ventos frios, onde após encontrar ouro em abundancia, se instalou dando início ao arraial que futuramente se tornaria a cidade do Serro.

Como a maioria das cidades mineiras, Serro se formou ao redor de uma capela, erigida inicialmente em homenagem a Santo Antônio e que passou a ser dedicada a Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Lisboa.

Durante o século XVIII, a cidade foi marcada por um grande povoamento, o que a fez desenvolver rapidamente. Elevada à vila em 1714, logo se tornou capital de uma das quatro comarcas de Minas Gerais e um dos principais pontos de controle da coroa sobre a exploração das minas de ouro e diamantes.

Com o crescimento da cidade novas igrejas foram surgindo e, conseqüentemente, novas praças, que foram palco de encontros e manifestações religiosas e políticas no Serro. No caminho entre as igrejas construíam-se as casas, que devido à inclinação do terreno apresentavam diferente conformação com as frentes contendo apenas um pavimento e os fundos com até quatro, dando a vila um aspecto de anfiteatro, com as casas e ruas seguindo a curva de nível do terreno.

O baixo adensamento das casas, que era uma característica diferente das demais vilas mineiras como Ouro Preto e São Joao del Rei, deu espaço para o surgimento dos quintais ajardinados que serviam para produção de alimentos e também lazer. O alimento produzido nos quintais também era uma forma de socializar com os vizinhos por meio da troca de produtos.

A riqueza cultural e paisagística encontrada nos quintais e paisagens do Serro hoje se encontra ameaçada pela ocupação desordenada dos vazios urbanos e dos quintais das casas, que aos poucos vão perdendo suas características.

O objetivo deste trabalho foi analisar a evolução histórica da paisagem urbana do Serro, com enfoque nas praças e jardins públicos e privados da cidade, afim de entender o seu sentido de formação e auxiliar os órgãos públicos responsáveis na manutenção e preservação dos mesmos.

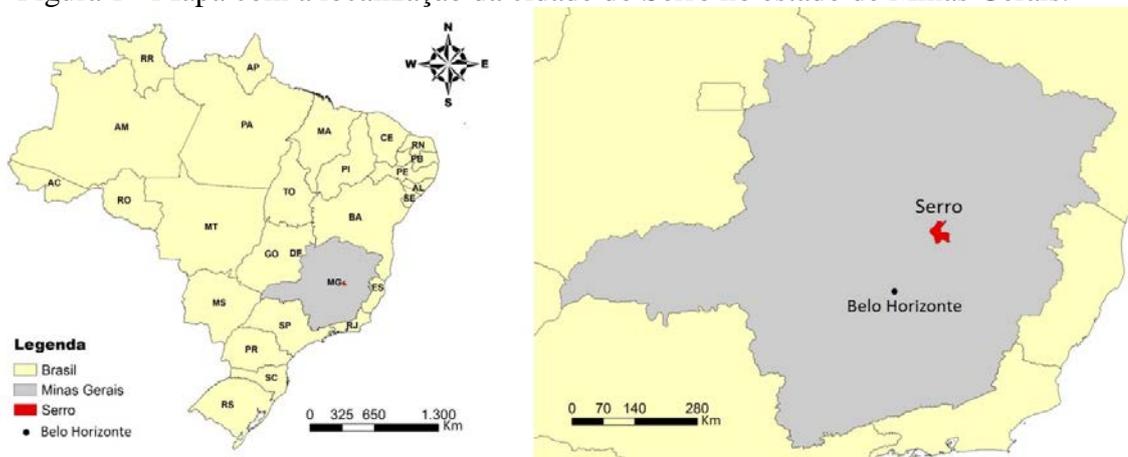
2 METODOLOGIA

2.1 Área de estudo

A área em estudo compreende o centro histórico da cidade do Serro, que está situada na parte central do estado de Minas Gerais, a 67km de Diamantina seguindo pelo Caminho dos Diamantes, passando pelos distritos de São Gonçalo do Rio das Pedras e Milho Verde (Figura 1).

O município do Serro é marcado pelas serras e rios que assinalam sua topografia. A área de 1217,645 Km², é cortada longitudinalmente pela Serra do Espinhaço, o que lhe confere um relevo característico, com morros parcialmente aplainados, chapadas e afloramentos de quartzito. O relevo é composto por 10% de áreas planas, 20% de regiões definidas com onduladas, e 70% de relevo montanhoso, com altitude máxima de 2002m e mínima de 835m e o clima é tropical de altitude (PMS, 2015; SERRO, 2016).

Figura 1 - Mapa com a localização da cidade do Serro no estado de Minas Gerais.



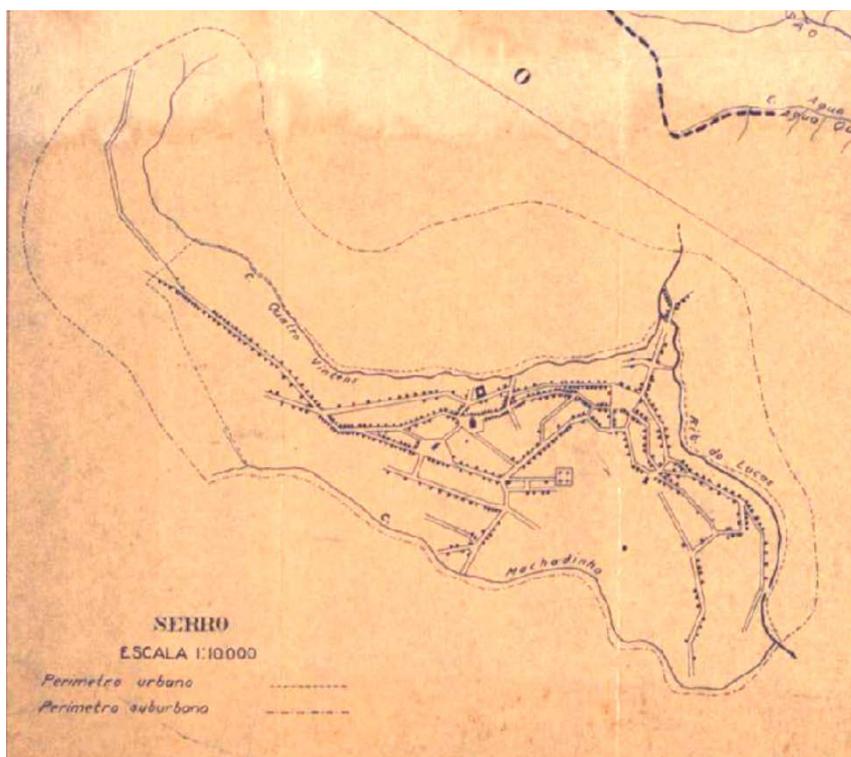
Fonte: Adaptado do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2016).

É composto pela sede e mais 5 distritos: Três Barras, Milho Verde, São Gonçalo do Rio das Pedras, Vila Deputado Augusto Clementino (Mato Grosso) e Pedro Lessa, além de inúmeras comunidades locais, muitas delas quilombolas como as comunidades: Baú, Ausente, Vila Nova, Queimadas e Fazenda Santa Cruz (PREFEITURA MUNICIPAL DO SERRO - PMS, 2015).

A população segundo o censo 2010 era de 20.835 sendo 7.940 na área rural e 12.895 na área urbana e a população total estimada em 2016 foi de 21.431 pessoas (IBGE, 2016).

O centro histórico do Serro foi determinado segundo o perímetro urbano delimitado em um mapa cartográfico de 1939 disponível no arquivo público mineiro, pois a cidade foi tombada no ano anterior a esse mapa sem a delimitação de um centro histórico pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN (Figura 2) ou prefeitura.

Figura 2 - Mapa cartográfico indicando perímetro urbano e suburbano do Serro em 1939.



Fonte: Arquivo Público Mineiro – APM (2016).

2.2 Pesquisa

A metodologia utilizada para realização do levantamento e evolução histórico-paisagístico é a combinação da análise inventiva apresentada por Lassus (1994) com o método de análise subjetiva descrito por Luginbuhl (2006) acrescido de considerações feitas por Delphim (2005).

Segundo Lassus (1994), pela análise inventiva é possível identificar os processos de evolução física e as práticas e costumes desenvolvidos no lugar interpretando os dados naturais,

patrimoniais e sociais do mesmo. Isto resulta em identificar o que seria mais adequado na relação específica entre o lugar e suas práticas sociais.

Já Luginbuhl (2006) contribui com o conceito da análise subjetiva, que não conduz a uma avaliação mensurável, mas revela valores estéticos, fenomenológicos ou simbólicos. Este método está fundamentado na hipótese de que as paisagens e suas representações apontam valores atribuídos por suas populações, artistas ou mesmo por escritores que retratam os atributos estéticos ou simbólicos em suas obras.

Delphim (2005) fez importantes considerações a respeito de intervenção em jardins históricos, dando orientações técnicas para conservação e preservação dos mesmos, assim como o entorno de monumentos tombados e locais que também possuem restrições quanto a intervenções. O autor considera os aspectos individuais dos jardins, mostrando a evolução particular de cada um e suas próprias soluções.

A primeira fase do trabalho consistiu em um levantamento documental, bibliográfico e iconográfico, disponível em acervos online do IPHAN, Arquivo Público Mineiro e também no Guia do Serro, relativos à formação da cidade do Serro e a evolução histórica e paisagística de suas praças e jardins. Também contou com a pesquisa de campo, onde foram consultados acervos impressos disponíveis no museu Casa dos Ottoni, no escritório técnico do IPHAN no Serro e em Belo Horizonte e também coleções particulares da historiadora Zara Simões.

Em uma segunda, fase foi feita a compilação dos dados e organização do processo histórico de ocupação da área, reconstruindo a evolução do uso do espaço urbano, e a apropriação desses espaços como jardins ou praças no inconsciente coletivo da população, procurando identificar quais foram as atividades exercidas e plantas utilizadas nestas praças, jardins e quintais em cada época de sua história e entender como se deu a evolução dos aspectos fundiários, no caso da ocupação dos quintais, e o sistema viário que complementam as praças.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Origem e formação da cidade do Serro

A região das minas de metais preciosos era cobiçada pelos portugueses desde a colonização. Movidos pelos relatos indígenas sobre a existência de ouro e pedras verdes no interior do Brasil os portugueses organizavam expedições exploratórias partindo da Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo (PEREIRA, 2003)

Houveram várias “entradas” com passagens próximas a região, mas segundo o livro da Fazenda Real, que se encarrega de contar a história oficial atualmente mais aceita e difundida, foi no ano de 1702, que uma bandeira comandada por Antônio Soares Ferreira descobriu as minas de ouro no Serro, região chamada pelos índios e emboabas de Yviturui, que na língua indígena significa morro dos ventos frios (PEREIRA, 2003)

O arraial que inicialmente era chamado de Lavras Velhas, foi chamado de Arraial do Ribeirão das Minas de Santo Antônio do Bom Retiro do Serro Frio e, em homenagem ao santo padroeiro de Lisboa, foi edificada a primeira capela. No ano de 1714, foi elevado à vila, passando a se chamar Vila do Príncipe (SILVA, 1928), em homenagem ao futuro rei de Portugal Dom José, nascido nesse mesmo ano.

Os arraiais mineiros se formavam ao redor das capelas, onde existia um pequeno adro, largo, ou espaço aberto onde a população se reunia. A partir desses espaços interligavam-se as ruas e ao longo dessas se edificavam as casas. Inicialmente sem divisão social, à medida que o arraial crescia novas capelas iam sendo construídas e as classes mais ricas transformavam-na em Matrizes (VASCONCELLOS, 1983).

Diferente da formação das primeiras cidades brasileiras, que eram tradicionalmente na costa, em áreas de baías, os arraiais mineiros se desenvolveram próximos aos rios e encostas suaves do relevo acidentado, ao longo da Estrada Real (CASTRIOTA, 2013).

A construção de igrejas era feita em lugares elevados para que se tivesse o domínio visual do espaço ao redor, fato que pode ser explicado pela importância que possuíam os edifícios religiosos no que concerne ao traçado urbano das vilas mineiras.

[...] tais soluções de implantação das igrejas, devido aos bons efeitos de perspectiva – normalmente ausentes nas cidades litorâneas – eram pontos importantes na condição da leitura geométrica da posição das igrejas nas vilas mineradoras (SOUZA, 2000, p. 44).

As cidades coloniais apresentam algumas regras constantes nas “leis das índias”, legislação urbanística criada por Felipe II no ano de 1573, que combinava princípios e ideias renascentistas, ao tratado de Vitruvius e práticas já realizadas na América (DANTAS, 2004).

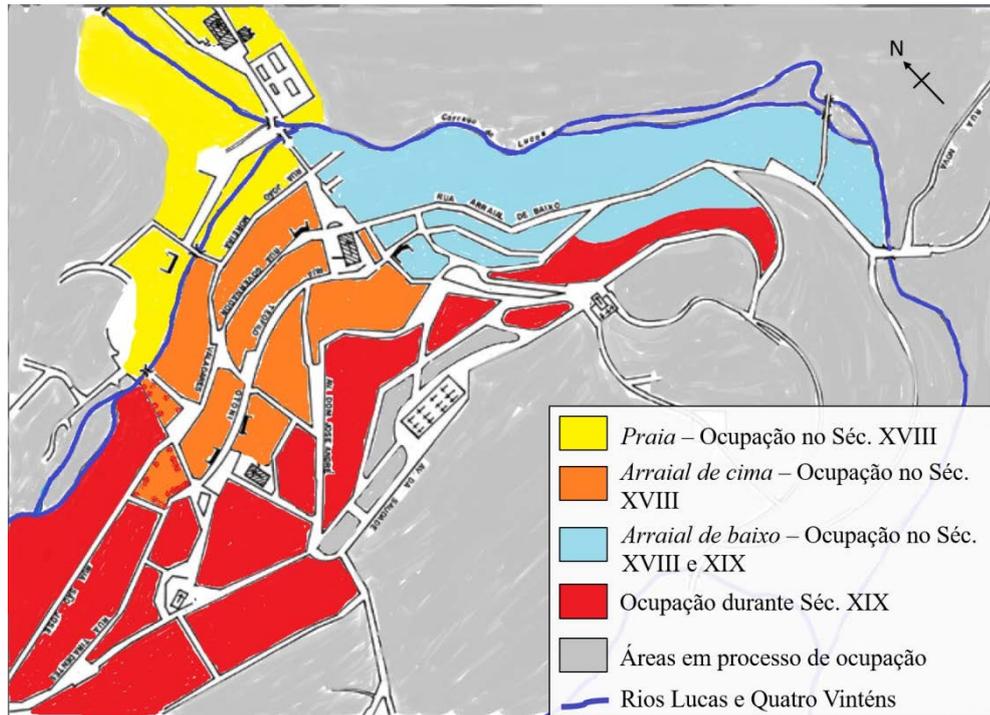
“Nas pequenas cidades do interior, a igreja não deveria localizar-se no perímetro da praça, mas deveria estar situada livremente e de forma independente das outras edificações, para que pudesse ser vista de todas as partes, realçando sua beleza e importância” (DANTAS, 2004, p. 1).

“A igreja deveria estar situada numa área com topografia elevada, para que os fiéis tenham que subir bastante para alcançá-la” (DANTAS, 2004, p. 1).

Todos os arraiais mineiros, inclusive Ouro Preto e Mariana, as primeiras capitais, surgiram a partir dos córregos em direção ao topo dos morros onde se construía as igrejas, e no Serro, todas elas, principalmente a matriz são construídas de frente para a o córrego de onde se extraía o ouro (SILVA, 1928).

Serro se formou ao longo de um eixo principal que conectava dois assentamentos de mineiros, chamados de “Arraial de Cima” e “Arraial de Baixo”, correspondendo às partes alta e baixa da cidade, como o próprio nome diz (Figura 3). A cidade cresceu longitudinalmente, na direção Leste-Oeste, desenvolvendo-se em torno de três eixos principais, a rua Direita, a rua de Cima e a rua do Corte, que se convergem na entrada da cidade (CASTRIOTA, 2013).

Figura 3 - Ocupação do Serro durante sua expansão.



Fonte: Adaptado de Barbosa (2007).

Em 1734, a Vila do Príncipe era composta de 60 casas, poucas cobertas de telhas, e as demais com palha, porém, aproximadamente 81 anos depois esse número havia subido para 546 casas (SILVA, 1928).

A construção das casas de porta e janelas no litoral brasileiro durante o período colonial, possuem influencia berberes ou mouras, onde as casas eram ladeadas formando filas para proteger o espaço público do vento quente e seco dos desertos do Saara. Com dificuldades em chegar ao interior de Minas, a elite colonizadora e os construtores portugueses solicitaram equipes nacionais para a construção das vilas, o que resultou em características peculiares e maior liberdade na composição dos espaços pela disposição menos regular dos edifícios entremeados por vegetação (Figura 4), como observado em cidades como Serro e Diamantina (FRACALLOSSI, 2012).

Figura 4 - Desenho ilustrativo das casas espaçadas entremeadas de vegetação na cidade do Serro.



Fonte: Fracalossi (2012).

O naturalista francês Saint-Hilaire em sua visita à vila no início do século XIX, descreveu suas impressões sobre a conformação da cidade:

“Essa vila esta edificada sobre a encostas de um morro alongado; e suas casas dispostas em anfiteatro, os jardins que entre elas se vêem, suas igrejas disseminadas formam um conjunto de aspecto muito agradável, visto das elevações próximas” (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 145).

Saint-Hilaire (1975, p. 146) também destaca detalhes da paisagem e as sensações agradáveis provocadas pela mesma, observada a partir das janelas dos casarios:

Das janelas que se abrem para o campo goza-se de agradável panorama: avistam-se as casas próximas entremeadas de massa espessa de verdura formada pelo arvoredo dos jardins; mais além descortina-se o vale estreito que se estende ao pé da cidade e em cujo fundo corre o Quatro Vinténs; do outro lado do vale o olhar repousa em alturas quase completamente cobertas da mais linda relva; finalmente, nos planos mais distantes algumas moitas de arvoredo se avistam entre os morros.

O viajante alemão Johann Emanuel Pohl em 1821, descreveu a vila como sendo rodeada de serras cobertas por uma escassa relva, com aproximadamente 600 casas e metade delas com dois andares. Suas ruas calçadas com pedra-sabão ficavam intransitáveis na época das chuvas (POHL, 1951).

Na pintura feita por A. Shirmer em 1870 (Figura 5) é possível perceber as características da paisagem descritas pelos viajantes estrangeiros, bem como a forma de construção narrada anteriormente, onde o adro da igreja permanece um espaço aberto, livre de construção e

vegetação enquanto os quintais das casas aparecem com vegetação exuberante, com destaque para frutíferas como bananeiras.

Figura 5 - Reprodução de uma pintura feita por A. Schirmer, 1870, mostrando a paisagem do entorno da Igreja de Bom Jesus do Matozinhos.



Fonte: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN (2010).

3.2 Praças e Igrejas do Serro

Diferentemente do que ocorreu com as povoações litorâneas, cujas igrejas colocavam-se no interior das quadras, tangenciando os logradouros públicos, os templos mineiros eram construídos nos centros dos largos, circundados por praças ou ruas, implantados em terraços definidos por bifurcações de estradas ou pequenos montes (IPHAN, 2002).

Localizada próximo ao encontro dos rios Lucas e Quatro Vinténs, onde fora encontrado a primeira pepita de ouro, foi edificada a primeira igreja do Serro, fundada em 1713, era uma cabana rústica com telhado de palha construída em homenagem a Santo Antônio, o primeiro padroeiro do arraial, sendo assim chamada Igreja Matriz de Santo Antônio. A devoção a este santo também aparece no primeiro nome da cidade: Arraial do Ribeirão das Minas de Santo Antônio do Bom Retiro do Serro Frio (PMS, 2016)

Após a Matriz de Santo Antônio, foi construída uma nova Matriz, ainda no mesmo local, porém, agora em devoção à N. Sra. da Conceição, precedida de adro, da qual se tem notícia entre os anos de 1725 e 1737, que provavelmente é fruto de sucessivas ampliações desta primeira matriz da Conceição (PEREIRA, 2003).

No adro desta igreja também chamado largo da Matriz fora instalado o pelourinho, coluna de madeira, no qual se castigavam os criminosos e também se afixavam leis, Bandos da Metrôpole e avisos do Senado (SOUZA, 1999). O pelourinho era o símbolo da autoridade civil pública da vila. Assim, a praça da Matriz, agora também chamada de “Largo do pelourinho”, foi durante o século XVIII o centro religioso, administrativo e social da cidade (BARBOSA, 2007).

Atualmente denominada praça Getúlio Vargas, a área se estende por todo entorno da igreja Matriz. O jardim é formado por um extenso “tapete” de grama esmeralda (*Zoysia japonica*) no entorno da igreja, onde existem algumas mudas de esponjinha (*Calliandra biweedli*), um pequeno aterro em forma de meia-lua, que acompanha o nível da rua Alferes Luiz Pinto, e uma parte triangular, também forrada com grama esmeralda (*Zoysia japonica*), que segue o declive do terreno acompanhando a ladeira da matriz (Figura 6). A inexistência de cemitérios no entorno da igreja, como é observado em outras cidades mineiras, permitiu a criação dos jardins.

Figura 6 - Largo da Matriz e casas do entorno.



Fonte: Do autor (2017).

O aterro é formado por dois canteiros simétricos forrados com grama esmeralda (*Zoysia japonica*) e delimitados com arbusto pingo de ouro (*Duranta erecta aurea*) podado na forma

de cerca-viva, ao centro de cada canteiro está um exemplar de palmeira fênix (*Phoenix roebelinii*) ainda em porte pequeno. Entre os canteiros está instalado o busto de Juscelino Kubitschek, homenagem ao ex-presidente do Brasil (Figura 7).

Figura 7 - Vista do Largo da Matriz com o busto de Juscelino Kubitschek.



Fonte: Do autor (2017).

A segunda igreja edificada no Serro foi a igreja da Purificação, com sua obra concluída em 1742. Localizava-se onde hoje se encontra a Praça Dom Epaminondas, no centro da cidade, e foi a primeira igreja em madeira e taipa do Serro (Figura 8), que consumida pelo tempo e pela negligência dos homens, precisou ser demolida em meados de 1920 (PEREIRA, 2003).

Figura 8 - Vista frontal da Igreja da Purificação.



Fonte: IPHAN (2010).

Existiu durante alguns anos após a demolição da Igreja da Purificação em 1928, uma pequena praça no local onde estava edificada. Havia canteiros com gramado e plantas arbustivas como a astrapeia (*Dombeya wallichii*).

No jornal local, "Sentinela do Serro" foi publicada a lei sobre a construção dessa igreja:

Lei nº2115 de 30 de setembro de 1921.

Art 1º Fica o agente do Executivo Municipal autorizado a mandar fazer pela verba "obras públicas" dentro do prazo de seis meses no lugar da antiga igreja da Purificação nesta cidade, um jardim cercado de grade tendo no centro um coreto. Ângelo Ribeiro de Miranda (Arquivo IPHAN 14ª SR. Casa dos Ottoni – Serro).

Porém com o aumento do número de veículos na cidade o local atualmente foi transformado em estacionamento (Figura 9).

Figura 9 - Praça Dom Epaminondas nos anos de 1964 e 2016.



Fonte: IPHAN (esquerda) (2010) e do autor (direita) (2016).

A terceira igreja construída, Igreja de Santa Rita, foi edificada no ano de 1745 (SILVA, 1928), em um dos pontos mais altos da cidade, de onde é possível ter uma vista panorâmica de toda a cidade. A escadaria de acesso é ladeada por duas faixas contínuas de gramado em cujo centro, a uma distância de aproximadamente quatro metros uma da outra, se plantaram mudas de cipreste (*Cupressus sempervirens*) que foram podados em topiaria, em formas arredondadas e achatadas (Figura 10).

No adro e entorno da Igreja de Santa Rita existe um extenso gramado onde já existiram quatro palmeiras jerivá (*Syagrum romanzoffiana*), atualmente replantadas e, também, um coreto que fora removido em 1960.

Figura 10 - Igreja de Santa Rita com destaque para a posição elevada do largo e a escadaria de acesso.



Fonte: Do autor (2017).

Obra da irmandade do Rosário do Serro, a Igreja do Rosário foi concluída em 1759, Com elementos típicos dos templos negros, nela é celebrada a tradicional festa de Nossa

Senhora do Rosário dos Homens Pretos, com missa procissão e apresentação da tradicional congada (PMS, 2016).

Antes da construção da Igreja do Rosário, existiu no mesmo local uma Igreja de N. Sra. da Abadia, sobre a qual se tem poucas informações. Este templo, agora pouco lembrado, acabou dando nome à região do seu entorno, ainda hoje reconhecida por muitos como Abadia (PEREIRA, 2003).

O Largo do Rosário não possui vegetação, sendo a escadaria da igreja e parte do entorno calçado com quartzito São Tome, a rua com calçamento estilo pé de moleque, e do lado oposto uma parte cimentada onde está localizado um cruzeiro do martírio de Cristo (Figura 11).

Figura 11 - Largo do Rosário com cruzeiro do martírio de Cristo e Igreja do Rosário ao fundo.



Fonte: Do autor (2017).

A Ordem Terceira do Carmo surgiu na Vila do Príncipe em 1761. Em 1768 se iniciou as obras para construção da Igreja de Nossa Senhora do Carmo que finalizaram em 1781 (PMS, 2016).

A implantação do largo do Carmo se deu em nível elevado em relação à rua Antônio Honório Pires e a praça João Pinheiro que antes eram no mesmo nível. A igreja se encontra centralizada no adro, o qual se tem acesso por uma escadaria em forma de cálice, cujo muro é coberto por hera unha-de-gato (*Ficus pumila*) (Figura 12).

Em 1817 o monumento recebeu a visita de Auguste Saint-Hilaire, que relatou suas impressões sobre as Igrejas do Carmo e Santa Rita alegando serem "lindas e bem arejadas, com interior bem claro e ornado de dourados e pinturas" (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 146).

Figura 12 - Igreja do Carmo e seu largo com escadaria em forma de cálice e muro com trepadeira.



Fonte: Do autor (2017).

Representando o elo de ligação entre a Igreja Nossa Senhora do Carmo e a Igreja Santa Rita a praça João Pinheiro, também denominada Largo da Cavallhada, é a mais conhecida e representativa do Serro. Localizada na rua Dr. Antônio Honório Pires, é palco de encontros e manifestações populares, eventos religiosos, culturais e políticos desde os primórdios da fundação da vila.

Antes mesmo da construção das igrejas no seu entorno, a área era usada para rossios, treinamento de milícias e cavallhadas. Também funcionou como rancho de tropas e mercado municipal, sendo o ponto de maior movimentação da cidade (FREIRE, 1997)

No ano de 1986, a casa da câmara, antes localizada no largo da matriz, fora transferida para a praça João Pinheiro, devido ao péssimo estado de conservação de suas instalações, dando a ela uma importância ainda maior (SOUZA, 1999).

Esta é a praça que apresenta vegetação mais expressiva do Serro. Possui vários monumentos e características que refletem as transformações vivenciadas nos diferentes momentos políticos e históricos da cidade (Figura 13).

Figura 13 - Praça João Pinheiro.

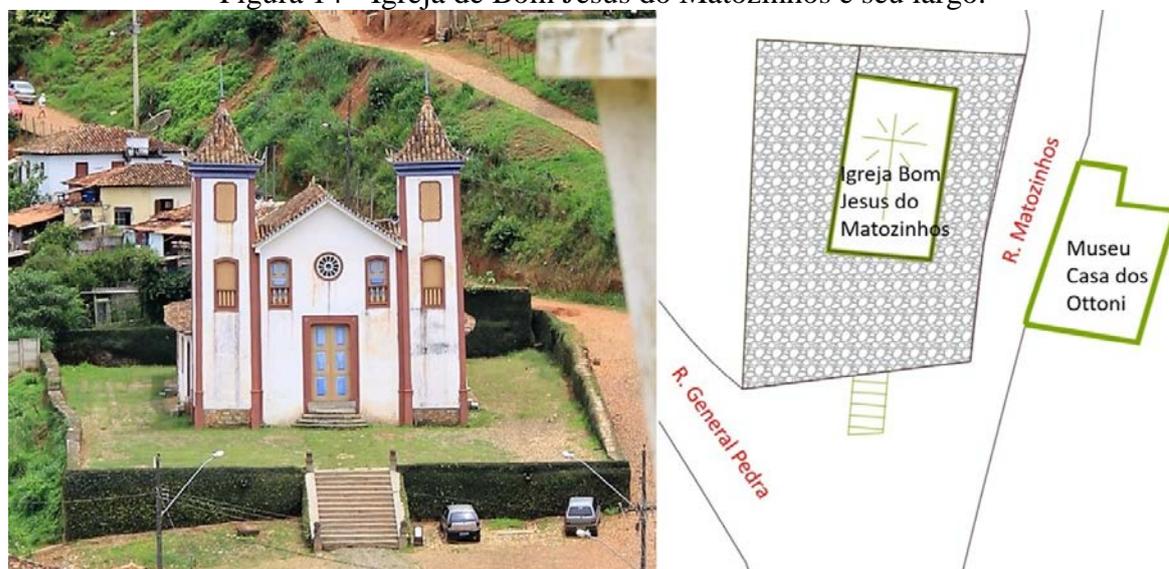


Fonte: Do autor (2017).

A última igreja setecentista do Serro, edificada entre 1781 e 1797, é a igreja do Bom Jesus do Matozinhos, que possui um grande acervo artístico em seu interior. Está localizada na região conhecida como “praia”, ao lado do atual Museu dos Ottoni.

Seu largo, atualmente, não possui nenhuma vegetação e possui calçamento em estilo pé de moleque, sendo cercado por um muro de pedra ao qual se tem acesso por uma escadaria feita em pedra sabão (Figura 14).

Figura 14 - Igreja de Bom Jesus do Matozinhos e seu largo.



Fonte: Do autor (2017).

3.3 Outras praças do Serro

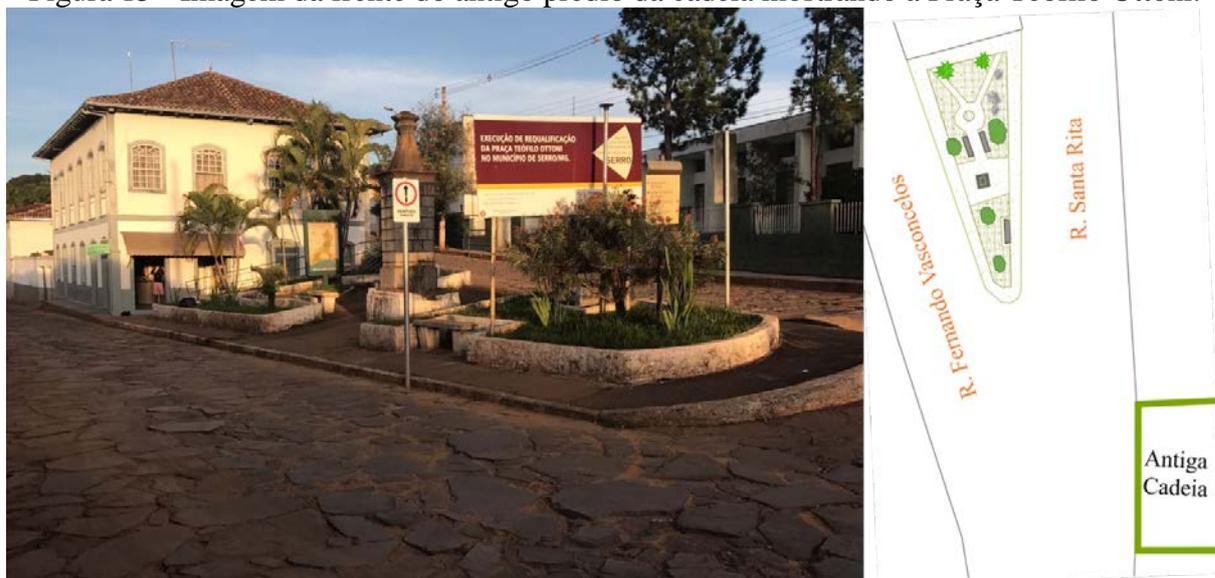
Além das praças formadas a partir de largos ou próximas a estes, existem no Serro aquelas formadas em encontros de ruas, que abrigam monumentos importantes e ou estão próximas a construções representativas da história local.

3.3.1 Praça Teófilo Ottoni (Antiga Floriano Peixoto)

Formada no encontro da Rua Fernando Vasconcelos com a Rua Santa Rita, a Praça Teófilo Ottoni é uma praça pequena com canteiros elevados, forrados com grama esmeralda (*Zoysia japonica*), poucas espécies de arbustos como pingo-de-ouro (*Duranta erecta* L) e grevêlea-anã (*Grevillea banksii* R.Br.), um exemplar de piteira-do-caribe (*Agave angustifolia*) e duas touceiras de areca-bambu (*Dyopsis lutescens*). Com relação ao mobiliário, a praça possui um chafariz feito em pedra sabão, quatro bancos de alvenaria e placas com informações turísticas sobre a cidade e a Estrada Real. A iluminação é proveniente das ruas, não havendo iluminação própria (Figura 15).

Em seu entorno esta edificada a antiga cadeia pública do Serro, o que lhe levou a ser chamada de praça da Cadeia. Atualmente na construção está o fórum da cidade.

Figura 15 - Imagem da frente do antigo prédio da cadeia mostrando a Praça Teófilo Ottoni.



Fonte: Do autor (2017).

3.3.2 Praça Dr. Andrade

A praça Dr. Andrade está localizada no ponto de confluência das ruas Antônio H. Pires e Dr. Miranda Tolentino. No início do século XX, acompanhava o declive do terreno e o calçamento era estilo pé-de-moleque (pedras arredondadas) sem nenhuma vegetação e nele estava instalado um chafariz de uma bica.

Atualmente a praça apresenta um aspecto bem diferente, o piso foi reconstruído em degraus e calçado com quartzito São Tomé. Existe um canteiro elevado coberto com grama esmeralda (*Zoyzia japonica*) e algumas outras espécies ornamentais como iuca-gigante (*Yucca gigantea*), fórmio (*Phormium tenax*), jasmim-manga (*Plumeria rubra*) e agave (*Agave americana*). Delimitando o contorno da praça existe um canteiro linear suspenso, forrado com grama esmeralda e buxinhos (*Buxus sempervirens*) simetricamente espaçados e topiados de forma arredondada. O chafariz fora removido e, em seu lugar, existem dois bustos em homenagem aos médicos Dr. Andrade e Dr. Antônio Tolentino cidadãos Serranos que muito fizeram pela medicina da cidade e arredores. O Busto do Dr. Andrade foi o primeiro da cidade e inicialmente foi colocado na Praça João Pinheiro. A praça possui bancos de alvenaria, iluminação própria e lixeiras (Figura 16).

Figura 16 - Praça Dr. Andrade em declive e calçamento pé de moleque e nos dias atuais com piso nivelado em degrau e calçamento com quartzito São Tomé.



Fonte: IPHAN (esquerda) (2010) e Do autor (direita) (2017).

3.3.3 Praça Pedro Lessa (Praça recente)

De dimensões relativamente grandes se comparadas a outras praças públicas do Serro, a praça Pedro Lessa está localizada na saída para Diamantina, na rua Sinval Lins (Rua do Gambá).

Esta praça se apresenta dividida ao meio sendo composta de vários canteiros simétricos com espécies arbustivas recém-plantadas. Nela também está exposta a imagem de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade (Figura 17).

Figura 17 - Praça Pedro Lessa destacando a imagem de N. Sra. da Conceição.



Fonte: Do autor (2017).

3.3.4 Praça Gracindo Ferreira Maia (Praça do Cruzeiro)

No encontro das ruas Sinval Lins (rua do Gambá) e Rua Augusto Clementino, existe uma pequena praça, aproximadamente 25m², calçada de cimento e bancos de concreto, com ausência de vegetação e cercada por balaustradas. Possui um cruzeiro com todos os instrumentos do martírio de Cristo aplicados sobre o lenho e ao fundo um muro revestido com quartzito São Tomé (Figura 18).

Figura 18 - Praça do Cruzeiro mostrando os detalhes do martírio de Cristo sobre a cruz.

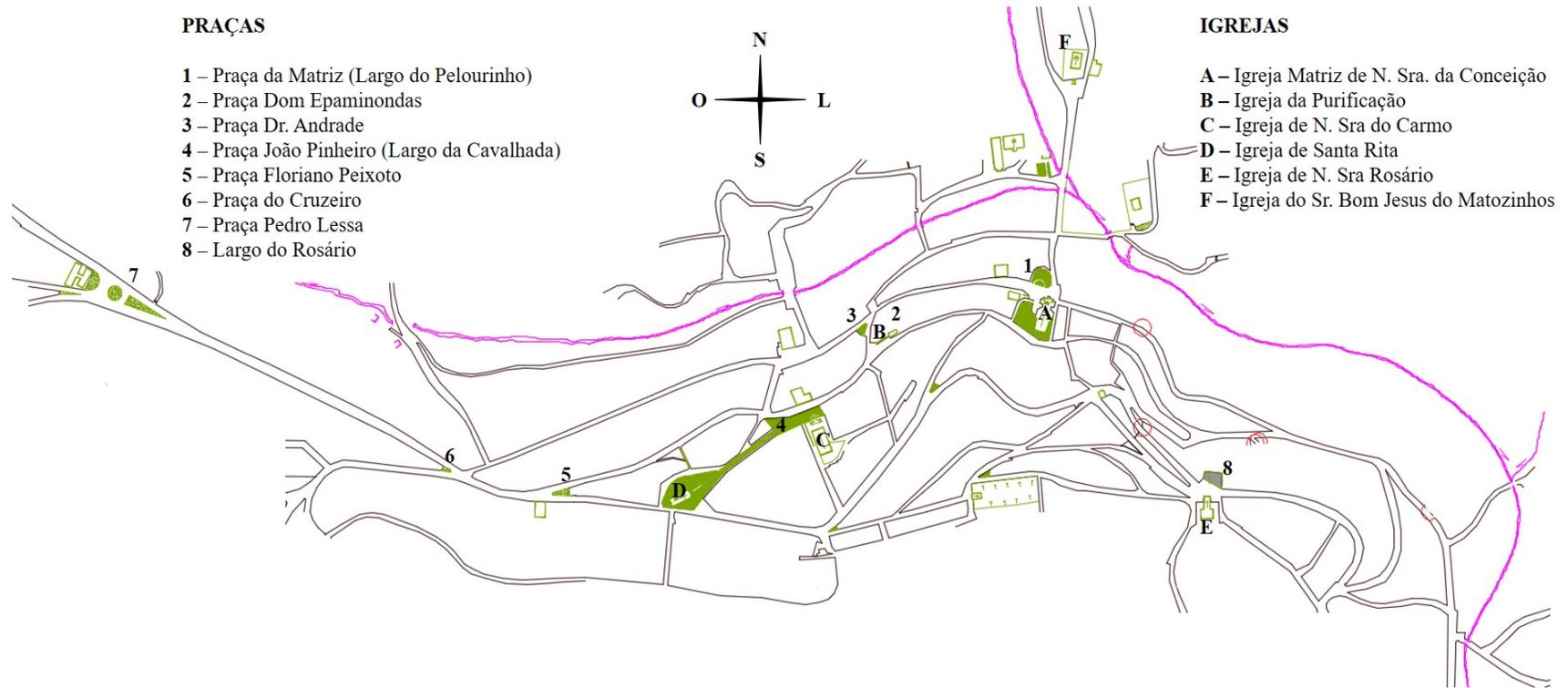


Fonte: Do autor (2017).

Observando um mapa esquemático com as igrejas e praças do serro, é possível perceber a relação entre a distribuição espacial das igrejas e o sentido de crescimento da cidade (Figura 19). As praças são formadas no entorno dos largos das igrejas ou nos encontros de ruas que formam “cotovelos” com ângulos de menos de 45°.

Figura 19 - Mapa representativo com localização das praças e igrejas do Serro.

PRAÇAS E IGREJAS DO SERRO



Fonte: Adaptado IPHAN (2017).

3.4 Quintais do Serro

A paisagem urbana é a arte de tornar visualmente organizado, o conjunto de edifícios, ruas e espaços vazios que compõem o ambiente urbano, compondo um ecossistema resultado do processo social de ocupação e uso do solo que estão em constante interação com o homem (CULLEN, 1983; MACEDO, 1999).

Com a queda do ouro no final do século XVIII e início do século XIX como reportado por Auguste Saint-Hilaire, a economia do Serro se sustentou na agropecuária, atendendo ao mercado interno e também regional, principalmente Diamantina, que não possuía condições boas para o plantio.

Serro é uma das poucas cidades da região mineradora com economia marcada pela agropecuária desde a sua ocupação (CASTRIOTA, 2013). O abastecimento de Diamantina dependia estritamente das produções provenientes do Serro e Minas Novas (MARTINS, 2004).

A atividade agrícola consolidada em Serro, contribuiu para a caracterização de sua paisagem. Em cidades hispânico-americanas observa-se um centro único, organizado linearmente no entorno da Plaza Mayor (Espanha), distinguindo precisamente a zona urbana e rural. Já em cidades portuguesas, como as da ilha da madeira, observa-se um limite entre o urbano e o rural menos preciso, com um adensamento menor a medida que se aproxima da periferia. No Serro, essa característica é marcante não apenas na periferia, mas em todo o conjunto urbano, com baixa ocupação dos lotes desde o período colonial (CASTRIOTA, 2013).

Assim como em Portugal existem as quintas portuguesas, que são casas de campo e chácaras, que também oferecem espaço de lazer, nos jardins coloniais brasileiros era muito comum hortas nas chácaras e nos quintais (CARAPINHA, 2001; MENEZES, 2015) (Figura 20).

Figura 20 - Vista panorâmica do Serro mostrando as principais igrejas e construções e seus quintais na década de 1940.



Fonte: IPHAN (2010).

Um dos primeiros viajantes estrangeiros pelo Brasil John Mawe (1809 – 1810), descreve a riqueza e a disposição dos quintais no relevo acidentado de minas:

Os jardins, plantados com muito gosto, apresentam em sua disposição espetáculo curioso. Como é difícil encontrar em todo o flanco da montanha espaço plano de trinta pés quadrados, remediaram essa falta, aplainando espaços uns sobre os outros, a distâncias iguais e sustentando-os por muros pouco elevados; escadas conduzem de uns a outros. Esses terraços me pareceram o verdadeiro Império da Flora, porque jamais vira tal profusão de belas flores. Há também excelentes hortaliças de toda espécie, tais como alcachofras, aspargos, espinafre, repolhos, feijão e batatas. Existem frutos indígenas, que se aperfeiçoariam, sem dúvida, com melhor sistema de cultivo. O pessegueiro parece ser a única árvore europeia de fruto exótico aqui introduzida até agora; floresce de maneira surpreendente (MAWE, 1975, p. 122).

Já o naturalista francês Saint-Hilaire descreve as plantas observadas nos quintais do Serro:

- “Cada casa possui um pequeno jardim em que se plantam, sem ordem, bananeiras, mamoeiros, laranjeiras, cafeeiros, e cultivam, a mais, couves e algumas espécies de cucurbitáceas” (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 146).

Esta característica urbano-rural observada em cidades mineiras não se deu apenas pelo costume, mas também, como mostra o autor Rocha (2006), pelas necessidades advindas das grandes fomes enfrentadas no início da colonização, que fizeram com que os mineiros se adaptassem as situações locais, tendo que produzir seu próprio alimento nos quintais.

No livro *Caminhos da Memória*, Freire (1999, p. 23) lembra com entusiasmo de uma das hortas de sua infância no Serro:

Chamavam-na de Dona Castorina. Ela era famosa na cidade por cultivar uma das melhores hortas – das muitas que se cultivavam no Serro daqueles tempos. A horta de dona Castorina... Que Beleza! Canteiros enormes, separados por regos d'água que vinham duma nascente no vasto quintal.

O autor também relata a presença de várias hortaliças comuns na alimentação cotidiana mineira, como couves, repolho, alface, cebolas, quiabos, jiló.

Os quintais mineiros não apenas abasteciam as famílias e as vilas com alimentos cotidianos, temperos e medicinais, como também, eram espaços de sociabilidade entre os vizinhos, intimidade familiar e do recolhimento feminino e infantil (MENEZES, 2015).

Outra interessante característica observada por Saint-Hilaire é a figura da mulher nos quintais das casas, sendo estas muitas vezes impossibilitadas de se expor em praças públicas, faziam desses espaços o seu recanto de lazer.

O interior das casas, reservado às mulheres, é um santuário em que o estranho nunca penetra, (...). Os jardins, sempre situado por trás das casas, são para as mulheres uma fraca compensação de seu cativeiro, e, como as cozinhas, são escrupulosamente interditados aos estrangeiros (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 96).

A paisagem urbana de Serro se preservou até a década de 1990 do século XX, devido ao restrito crescimento físico territorial decorrente de dificuldades econômicas, quando ocorreu um processo de desmembramento de terrenos com ocupação dos antigos fundos dos quintais e as encostas (Figura 21) (BARBOSA, 2007).

Figura 21 - Fotos comparativas mostrando a descaracterização da paisagem pela ocupação dos quintais no decorrer dos anos.



Fonte: Foto esquerda IPHAN (2010) e foto direita Silva (2005).

No documentário *a Casa da Praça*, escrito por Freire e Simões (1999, p. 91), as autoras lamentam a ocupação dos quintais, e comentam sobre suas grandes perdas:

[...] os quintais viviam em simbiose, fazendo uma densa e quase promíscua massa verde, com árvores frutíferas se entrelaçando nas divisas, a Casa da Praça chora saudade de seu quintal, que subia margeando o Beco, das bananeiras enfileiradas fazendo a guarda dos limites. Na trama urbana, perdeu o quintal. Não perdeu, porém, sua vocação para as flores [...]. Entre as tantas plantas, há lugar para os manacás, jasmims e boa noite, que já começam a exalar seu perfume; para as hortênsias, esponjas, trepadeiras, azaleias e camélias; para as ervas de chás e para as plantas de proteção e outras mais. [...] E ainda disputando lugar ao sol, há mudas de limão, cidra, jabuticaba, amora, pitanga, romã, laranja e outras tantas que sonham um dia virar quintal.

Na Figura 22 é possível perceber a ocupação ocorrida nos fundos do antigo Hotel Itacolomi, alterando significativamente a paisagem não só pela ocupação do espaço, mas também pelo estilo da arquitetura adotada na construção.

Figura 22 - Ocupação nos quintais nas casas que ladeiam a escadaria da Igreja de Santa Rita.



Fonte: IPHAN (2016).

Em uma proposta de intervenção paisagística realizada por Delphim (2000), foram encontradas nos quintais de residências, variedade de mexerica rara no mercado, e ressaltam a importância de se preservar essas cultivares, que aos poucos vão desaparecendo em detrimento do interesse comercial por híbridos da espécie.

“A cidade que ainda possui exemplares dessas espécies deve preservá-las com o mesmo zelo que preserva suas igrejas” (DELPHIM, 2000, p. 2).

4 CONCLUSÕES

O sentido de formação da cidade do Serro é bem característico dos arraiais setecentistas mineiros, que surgiram as margens de córregos auríferos e foram crescendo em direção aos pontos mais altos onde se erigiam as igrejas.

Foi possível perceber uma ligação entre os largos das igrejas e as praças do Serro e também nos pontos de confluência de ruas onde se localizam monumentos de significado importante para a história da cidade e maioria das praças não possui vegetação ou são pouco expressivas.

É possível perceber as heranças portuguesas em seu processo construtivo e de ordenamento territorial. Suas características peculiares de baixo adensamento e construção em relevo acidentado deu a ela um aspecto singular em forma de anfiteatro com os quintais ajardinados.

O caráter agrícola que assumiu o Serro após o declínio do ouro, fez com que sua paisagem se caracterizasse ainda mais pela presença dos quintais ajardinados e em pleno processo produtivo.

A partir da década de 1980 essa paisagem se transforma com a ocupação desordenada dos quintais e espaços vazios, descaracterizando a paisagem da cidade já tombada pelo patrimônio histórico desde 1938.

A desvalorização dos quintais como patrimônio histórico na cidade do Serro é uma questão que precisa ser discutida e reavaliada pelo governo e pelos cidadãos da cidade, afim de proteger os hábitos culturais que falam muito sobre a história da cidade.

Uma alternativa para conter a ocupação desordenada dos fundos de quintal seria alertar a população sobre os quintais serem parte do patrimônio histórico tombado pelo IPHAN e mostrar a eles sua importância. Também seria interessante estabelecer normas de uso e ocupação do solo no plano diretor da cidade destinando uma parte do terreno para a construção de quintais.

REFERÊNCIAS

- ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em: <<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br>>. Acesso em: 22 nov. 2016.
- BARBOSA, A. A. **Uma fresta na neblina**: estudo da possibilidade de restauro urbano do Serro. 2007. 289 p. Tese (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007.
- CARAPINHA, A. A arte da paisagem e dos jardins no Brasil colonial. In: COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE: A ARTE NO MUNDO PORTUGUÊS NOS SÉCULOS XVI-XVII-XVIII, 5., 2001, Faro. **Actas...** Faro: Universidade de Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2001.p. 27-37
- CASTRIOTA, L. Paisagem cultural: novas perspectivas para o patrimônio. **Arquitextos**, São Paulo, v. 14, 2013. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.162/4960>>. Acesso em: 30 nov. 2016.
- CULLEN, G. **Paisagem urbana**. São Paulo: M. Fontes, 1983.
- DANTAS, A. C. M. Cidades coloniais americanas. **Arquitextos**, São Paulo, v. 5, n. 50, jul. 2004. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.050/566>>. Acesso em: 30 nov. 2016.
- DELPHIM, C. F. M. **Intervenções em jardins históricos**: manual. Brasília: IPHAN, 2005.
- DELPHIM, C. F. M. **Proposta de intervenções paisagísticas em sítios do centro histórico e adjacências na cidade do Serro, MG**, Brasília: IPHAN, 2000.
- FRACALOSSI, I. **A casa invisível**: fragmentos sobre a arquitetura popular no Brasil. 2012. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/60177/a-casa-invisivel-fragmentos-sobre-a-arquitetura-popular-no-brasil-joao-diniz>>. Acesso em: 2 jan. 2017.
- FREIRE, D.; SIMÕES, Z. **A casa da praça**: Praça João Pinheiro 58, Serro, MG. Serro: [s.n.], 1999. 121p.
- FREIRE, G. A. **Caminhos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 1997. 336 p.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico - 2010**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=316710&idtema=1&search=minas-gerais|serro|censo-demografico-2010:-sinopse->>>. Acesso em: 13 out. 2016
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Ocupação nos quintais nas casas que ladeiam a escadaria da Igreja de Santa Rita**. Belo Horizonte, 2016. 1 Fotografia.

INSTITUTO DO PATRIMONIO HISTORICO E ARTISTICO NACIONAL. **Projeto de restauração da Igreja de Nossa Senhora do Carmo**. Serro, 2002.

INSTITUTO DO PATRIMONIO HISTORICO E ARTISTICO NACIONAL. Serro – MG. Arquivo de Maria da Graça Soto Queiroz. Brasília, 2010.84 p.

INSTITUTO DO PATRIMONIO HISTORICO E ARTISTICO NACIONAL. **Mapa representativo com localização das praças e igrejas do Serro**. Serro, 2017.

LASSUS, B. L'obligation de l'inventio: du paysage aux ambiances successives. In: BERQUE (Dir.). **Cinq propositions pour une théorie du paysage**. Paris: Champ Vallon, 1994.

LUGINBÜHL, Y. Paysage et identification, qualification et objectifs de qualités. In: PAYSAGE et développement durable: les enjeux de la convention européenne du paysage. Strasbourg: Conseil de l'Europe, 2006.

MACEDO, S. S. **Quadro do paisagismo no Brasil**. São Paulo: Quapá, 1999. 144 p.

MARTINS, M. L. et al. Quintais, chácaras, intendências e abastecimento alimentar em Diamantina: séculos XIX e XX. In: SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA, 10., 2004, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: FAFIDIA / UFMG, 2004. 1 CD-ROM.

MAWE, J. **Viagem ao interior do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia. 1975. 260 p

MENESES, J. N. C. Pátio cercado por árvores de espinho e outras frutas, sem ordem e sem simetria: O quintal em vilas e arraiais de Minas Gerais (séculos XVIII e XIX). **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 69-92, 2015.

PEREIRA, E. L. C. **Guia do Serro: a capital do norte na Minas colonial**. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2003.

PREFEITURA MUNICIPAL DO SERRO. **O Serro**. Disponível em: <<http://www.serro.mg.gov.br/o-serro.html>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

POHL, J. E. **Viagem no interior do Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1951. 362 p.

ROCHA, T. O sabor de Minas Gerais. **Revista Textos do Brasil**, São Paulo, n. 13, p. 78-93, 2006. Disponível em: <<http://dc.itamaraty.gov.br/imagens-e-textos/revista-textos-do-brasil/portugues/revista13-mat12.pdf>>. Acesso em: 23 dez. 2016.

SAINT-HILAIRE, A. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975. p. 23.

SERRO. Disponível em: <<http://visiteminasgerais.com.br/mg/serro/>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

SILVA, D. A. F. S. **Memória sobre o Serro Antigo**. Serro: Tipografia Serrana, 1928. 187 p.

SILVA, H. L. **Fotos comparativas mostrando a descaracterização da paisagem pela ocupação dos quintais no decorrer dos anos.** Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/mg/pagina/detalhes/1296>>. Acesso em: 21 dez. 2016.

SOUZA, M. E. **Aconteceu no Serro.** Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1999. 312 p.

SOUZA, R. C. J. **A redescoberta da ordem:** contribuição ao estudo da urbanização nas Minas dos séculos XVIII e XIX. 2000. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

VASCONCELLOS, S. **Arquitetura dois estudos.** Goiânia: MEC/SESU/PIMEG-ARC/UCG, 1983.

CAPITULO 3

EVOLUÇÃO HISTÓRICA E CULTURAL DA PRAÇA JOÃO PINHEIRO

RESUMO

A história do estado de Minas Gerais, Brasil, está diretamente ligada à construção do caminho percorrido pelos exploradores de ouro e diamantes, conhecido como Estrada Real. Estudar os jardins construídos nas cidades situadas ao longo deste caminho, muitas com valor histórico, ajuda a entender e valorizar sua história. A grande questão desta pesquisa foi saber como a praça João Pinheiro foi apropriada e modificada pela sociedade no decorrer do tempo. Dessa forma, tem-se como objeto de estudo a história da cidade do Serro, com destaque para a praça João Pinheiro. A metodologia aplicada constou de análise inventiva, aliada à análise subjetiva e de considerações sobre a preservação de jardins como patrimônio histórico. O estudo da evolução dessa área baseia-se na análise das transformações morfológicas ocorridas na praça João Pinheiro durante o desenvolvimento da cidade. Inicialmente conhecida como Largo da Cavallhada, a Praça João Pinheiro foi edificada em 1738, para recreio, cavallhadas e passeio dos moradores. Diferente das demais igrejas do Serro, foi construída antes das igrejas no seu entorno. Era o local onde as tropas que transportavam mercadoria pela estrada real paravam para descansar. Inicialmente o largo acompanhava o nível do terreno com calçamento estilo pé de moleque, mas no século XX, foi transformado em jardim público com introdução de um coreto, monumentos e plantas como roseiras e palmeiras. Uma reforma realizada na década de 1940, alterou significativamente a praça com a substituição do calçamento por uma laje de cimento com pequenos canteiros e a remoção do coreto e chafariz. Desde então a praça passou por pequenas alterações com substituição de plantas danificadas pelo tempo. Uma proposta de revitalização em curso prevê mudanças na praça, porém ainda faltam embasamentos teóricos e históricos que garantam uma intervenção adequada neste jardim histórico.

Palavras-chave: Jardim histórico. Largo da Cavallhada. Serro.

ABSTRACT

The history of the state of Minas Gerais, Brazil, is directly connected to the construction of the road traveled by gold and diamond explorers, known as *Estrada Real* (Royal Road). Studying the gardens built in cities along this path, many of which have a historical value, helps understand and value their history. This study aims at knowing how the society appropriated and modified João Pinheiro Park throughout time. Thus, this work sought to understand the history of the city of Serro, with special attention to João Pinheiro Park. The methodology applied hereto consisted of an inventive analysis, associated with subjective analysis, regarding the preservation of gardens as historical heritage. The study on the evolution of the area is based on the analysis of the morphological transformations made to João Pinheiro Park as the city developed. Originally known as *Largo da Cavalhada*, João Pinheiro Park was built in 1738, for recreation, horseback riding and outings. Built before the churches around it, the park was the place where troops carrying supplies along the Royal Road would stop to rest. At first, the square was leveled with the land, paved under the style “*pé de moleque*”. However, in the 20th century, it was transformed into a public garden, where a bandstand and a fountain were built, and plants, such as rose bushes and palm trees, were introduced. In the 1940s, a significant renovation brought alterations to square, like the replacement of pavement with a cement slab and small flowerbeds, and the removal of the bandstand and the fountain. Since then, the park has undergone minor changes, such as the replacement of plants damaged by time. An ongoing revitalization proposal provides changes to the park, despite a lack of theoretical and historical bases that would ensure an appropriate intervention to this historical garden.

Keywords: Historical garden, *Largo da Cavalhada*, Serro

1 INTRODUÇÃO

Diferente das demais praças do Serro, a praça João Pinheiro surgiu em 1738, antes da construção das igrejas do seu entorno. Deste as primeiras décadas de fundação da vila, um espaço destinado ao lazer e passeio dos cidadãos já havia sido solicitado pelo procurador da época. Este lugar ficava na periferia da vila e inicialmente era usado para realização de cavalhadas, por isso ficou conhecido como largo da cavalhada.

No decorrer do século XVIII, o largo se tornou ponto de parada dos tropeiros que seguiam para a região de Diamantina com várias mercadorias vindas do litoral e de São Paulo. Havia no largo um rancho de tropas, que acabou virando um grande ponto de comércio, instalando-se ali o mercado municipal.

Com a construção das igrejas e o ponto de comércio a praça se tornou o principal local de encontro e lazer dos cidadãos que por ali moravam e passavam. Além disso, no final do século XIX o senado da câmara, que antes se localizava no largo da Matriz, se mudou para a Cavalhada, tornando-a também o centro político da vila.

No início do século XX o mercado já não comportava mais a quantidade de pessoas circulando pela vila e foi transferido para um outro local. A partir de então a praça começou a receber monumentos e ajardinamento, se transformando no jardim público da cidade. A praça recebeu bustos de renomados políticos serranos, como João Pinheiro da Silva, e como um tributo, passou a se chamar Praça João Pinheiro.

Em meados da década de 1940 a praça sofreu uma grande transformação, por ordem governamental. Todo o calçamento, plantas, bancos e coretos foram removidos da praça e substituídos por uma grande laje de cimento formando um degrau em relação a rua. A mudança foi feita para homenagear ao serrano General Antônio Ernesto Gomes Carneiro, que morreu em uma batalha durante a Revolução Federalista. Este também recebeu um busto, que foi colocado na praça, em frente à igreja do Carmo, e nos novos canteiros formados sobre a laje foram inseridas palmeiras, arbustos e algumas floríferas como roseiras.

Nos anos seguintes a praça João Pinheiro sofreu poucas alterações, com substituição de algumas plantas e remoção de árvores, como as palmeiras que foram danificadas por um raio já no ano de 2014.

Atualmente a praça está sendo revitalizada com o auxílio do programa PAC Cidades Históricas do ministério do planejamento. O projeto prevê a remoção dos quatro bustos excessivos pelo o tamanho da praça e o reordenamento dos canteiros, dando maior espaço de circulação em frente a escadaria da Igreja do Carmo. Também foi indicada a arborização com

espécies que produzam sombra adequada sem prejudicar a vista das igrejas e casarões no entorno da praça. Nos canteiros foi sugerido manter as espécies que também são encontradas nos quintais das casas e resgatar aquelas que se perderam com o tempo.

O objetivo deste trabalho foi estudar os aspectos da evolução histórica, sócio-cultural e paisagística da praça Joao Pinheiro a fim de identificar os elementos históricos remanescentes na praça e na memória dos cidadãos.

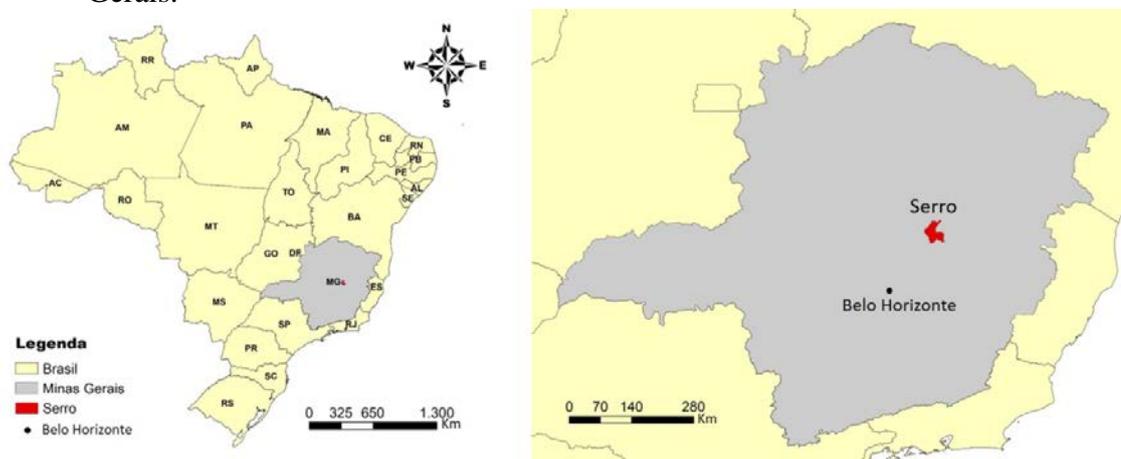
2 METODOLOGIA

2.1 Área de estudo

A área em estudo consiste na praça João Pinheiro, principal referência da cidade histórica do Serro, que está situada na parte central do estado de Minas Gerais, a 67km de Diamantina seguindo pelo Caminho dos Diamantes, passando pelos distritos de São Gonçalo do Rio das Pedras e Milho Verde (Figura 23).

O município do Serro é marcado pelas serras e rios que assinalam sua topografia. A área de 1217,645 Km², é cortada longitudinalmente pela Serra do Espinhaço, o que lhe confere um relevo característico, com morros parcialmente aplainados, chapadas e afloramentos de quartzito. O relevo é composto por 10% de áreas planas, 20% de regiões definidas com onduladas, e 70% de relevo montanhoso, com altitude máxima de 2002m e mínima de 835m e o clima é tropical de altitude (PREFEITURA MUNICIPAL DO SERRO - PMS, 2015; SERRO, 2016).

Figura 23 - Localização da cidade do Serro na região da Serra do Espinhaço no estado de Minas Gerais.



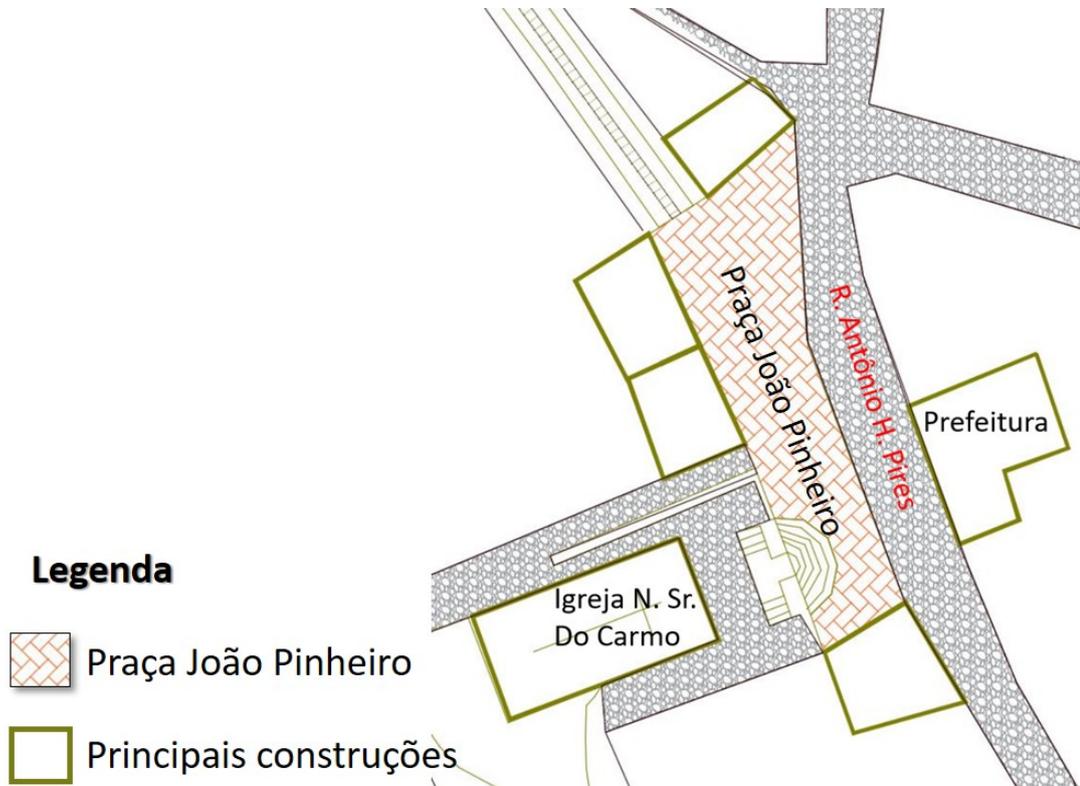
Fonte: Adaptado do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2016).

O município do Serro possui uma área total de 1217,645 Km² e é composto pela sede e mais 5 distritos: Três Barras, Milho Verde, São Gonçalo do Rio das Pedras, Vila Deputado Augusto Clementino (Mato Grosso) e Pedro Lessa, além de inúmeras comunidades locais, muitas delas quilombolas como as comunidades: Baú, Ausente, Vila Nova, Queimadas e Fazenda Santa Cruz (PMS, 2015)

A população segundo o censo 2010, era de 20.835 sendo 7.940 na área rural e 12.895 na área urbana e a população estimada em 2016 foi de 21.431 pessoas (IBGE, 2016).

A área em estudo se concentra nos limites da praça João Pinheiro, que possui uma área de aproximadamente 1.100 m² compreendida entre o largo da igreja do Carmo, a base da escadaria da igreja de Santa Rita e a atual prefeitura do Serro. Localizada na Rua Antônio H. Pires, a praça está a uma altitude aproximada de 800m e se encontra nas latitudes 18° 36' 18" S e 43°22' 56" O (Figura 24).

Figura 24 - Localização da praça João Pinheiro.



Fonte: Adaptado de Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN (2017).

2.2 Pesquisa

A metodologia utilizada para realização do levantamento e evolução histórico-paisagístico é a combinação da análise inventiva apresentada por Lassus (1992) com o método de análise subjetiva descrito por Luginbuhl (2006) acrescido de considerações feitas por Delphim (2005).

Segundo Lassus (1992) por meio da análise inventiva é possível identificar os processos de evolução física e as práticas e costumes desenvolvidos no lugar interpretando os dados naturais, patrimoniais e sociais do mesmo. Isto resulta em identificar o que seria mais adequado na relação específica entre o lugar e suas práticas sociais.

Já Luginbuhl (2006) contribui com o conceito da análise subjetiva, que não conduz a uma avaliação mensurável, mas revela valores estéticos, fenomenológicos ou simbólicos. Este método está fundamentado na hipótese de que as paisagens e suas representações apontam valores atribuídos por suas populações, artistas ou mesmo por escritores que retratam os atributos estéticos ou simbólicos em suas obras.

Delphim (2005) fez importantes considerações a respeito de intervenção em jardins históricos, dando orientações técnicas para conservação e preservação dos mesmos, assim como o entorno de monumentos tombados e locais que também possuem restrições quanto a intervenções. O autor considera os aspectos individuais dos jardins, mostrando a evolução particular de cada um e suas próprias soluções.

A pesquisa de campo também contou com entrevistas narrativas direcionadas a poetas, músicos, escritores, historiadores e cidadãos que conheceram e ou frequentaram os jardins. De acordo com Muylaert (2014), por meio de entrevistas, experiências subjetivas podem ser transmitidas, permitindo um maior aprofundamento das investigações através da combinação das histórias de vida dos entrevistados com o contexto sócio histórico dos locais estudados.

Entrevistas narrativas semiestruturadas, podem identificar e caracterizar as experiências locais tornando possível compreender a apropriação pelos indivíduos destes sítios, na sua dimensão imaterial (LUGINBÜHL, 1998; RAYMOND et al., 2015). Neste tipo de levantamento de dados o número exato de entrevistas é determinado durante a pesquisa. Em condições ideais, a coleta de dados a partir de informantes representativos da sociedade em questão deve ser concluída quando as entrevistas não fornecem mais informações adicionais, pois estas estão sendo repetidas. A abordagem das entrevistas é informal, para que os entrevistados se sintam à vontade para relatar suas experiências.

A primeira fase do trabalho consistiu em analisar a evolução histórica e paisagística da praça João Pinheiro, por meio de levantamentos documentais, pesquisas bibliográficas e iconográficas disponíveis em acervos online do IPHAN, Arquivo Público Mineiro e também no Guia do Serro além de documentos fornecidos pelo museu Casa dos Ottoni. Além disso, o trabalho contou com a pesquisa de campo, onde foram consultados acervos impressos

disponíveis no escritório técnico do IPHAN no Serro e em Belo Horizonte e também coleções particulares da historiadora Zara Simões.

A segunda fase da pesquisa consistiu na realização do levantamento do seu estado atual, procurando identificar a legislação incidente sobre a área nos níveis municipal, estadual e federal, considerando as áreas de preservação permanente, monumentos culturais e históricos, tentando identificar as lacunas legais, como projetos de lei e situação cadastral da área. Foi discutido o projeto de ajardinamento, identificando as espécies botânicas, o mobiliário e o traçado atual da praça.

A terceira fase da pesquisa consistiu na compilação dos dados e organização do processo histórico de ocupação da área, reconstruindo a evolução do uso e apropriação desse espaço no inconsciente coletivo da população. Buscando entender como se deu a evolução de suas transformações físicas e conceituais, procurando identificar quais foram as atividades exercidas nesta praça em cada época de sua história.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diferente da origem da maioria das praças do período colonial mineiro que surgiram a partir do largo de uma igreja, a praça João Pinheiro fora planejada antes de se construírem as igrejas do seu entorno. O espaço, já desde o princípio da vila, foi destinado ao lazer dos cidadãos e com o passar do tempo foi tomando diferentes formas de acordo com a necessidade da comunidade.

3.1 Século XVIII - Origem da praça João Pinheiro a partir do Largo da Cavalhada

Conforme indicação do procurador Antônio da Costa Ribeiro, feita em julho de 1738, era conveniente para o bem público a existência de praças e rossios, espaços livres de construções destinados a passeio e lazer dos moradores. Para isso, uma área apropriada para este fim era o desaterro de um espaço conhecido como Carreira. Assim surgiu o Largo da Cavalhada (SILVA, 1928).

Após a construção do Largo da Cavalhada (ou da Carreira), os festejos, que antes se realizavam no Largo da Matriz, passaram a se concentrar no novo espaço. As cavalcadas consistiam num dos mais apreciados divertimentos, um tipo de manifestação religiosa de origem medieval, que representa a lutas entre cristãos e mouros, com cavaleiros de lança em punho, disputando a pontaria para acertar pequenas argolas, e demonstrando as suas habilidades na montaria. As cavalcadas baseiam-se na vida do Imperador Carlos Magno (742-814) e seus Doze Pares de França (DANTAS, 2017; PEREIRA, 2003).

Palco de encontros e manifestações populares, eventos religiosas e políticas, o largo da Cavalhada, atualmente conhecido como praça João Pinheiro, representa o largo de ligação entre a Igreja Santa Rita e a Igreja Nossa Senhora do Carmo conectadas pela rua Dr. Antônio H. Pires. (BARBOSA, 2007).

No final do século XVIII e início do século XIX, o Largo da Cavalhada era o final da vila no sentido que segue para Diamantina. Um espaço aberto no caminho dos tropeiros e mercadores transformou o espaço num rancho de tropas que logo seria o ponto de maior comércio da cidade (SILVA, 1928).

3.2 Século XIX - Mercado e o rancho de tropas

Foi no início do século XIX que ocorreu o declínio da exploração mineral na região e a economia de Villa do Príncipe sustentou-se, não só de atividades rurais, como também do intenso comércio de tropas. Por ocasião da abertura dos portos do Brasil Colônia ao comércio direto com outras nações, em 1808, Vila do Príncipe, cercada de arraiais e de prósperas fazendas, firmou-se como grande centro distribuidor das mercadorias trazidas do litoral e dos gêneros agrícolas produzidos em Minas Gerais (FREIRE; SIMÕES, 1999).

[..]das primeiras dezenas do século1800, [...] O Serro ficou o centro do comércio; grandes casas importavam do Rio fazendas, secos e molhados, vários produtos mercantis, que revendiam em grosso para os arraiais e para as fazendas. Não havia ainda a classe dos *cometas*, que depois mataram esse benéfico estado comercial (SILVA, 1928, p. 122).

Aos pés da escadaria que dava acesso a igreja do Carmo ficava o rancho de tropas, também conhecido como Rancho do Carmo, onde os tropeiros amarravam os animais e descarregavam as mercadorias trazidas da capital, e ali faziam o comércio das mesmas transformando o local no mercado municipal (FREIRE, 1997).

O intenso movimento da cavalhada é relatado em "Caminhos da Memória":

O Mercado Municipal era, sem dúvida, o ponto de maior movimento da cidade, das cinco horas da manhã até pelas seis horas da tarde! Durante o dia era intenso o movimento na Cavalhada e por toda a rua, segundo creio, hoje denominada rua Antônio Honório Pires. Grande parte da praça, bem em frente à Igreja do Carmo, era o Carregador do Mercado, com inúmera estacas onde se amarravam os animais. De segunda a sexta-feira, de manhã á tarde, chegavam e saíam os lotes, uns após os outros, naquele mesmo ritmo tranquilo e conformado dos que vão enfrentar grandes jordanas! (FREIRE, 1997).

Até o final do século XIX, todas as ruas da cidade já haviam recebido calçamento, incluindo o largo da Matriz, porém, o largo da cavalhada permanecia coberto com gramado, sendo calçada apenas a rua da Cavalhada, hoje Antônio Honório Pires (SILVA, 1928), pois até então o espaço era utilizado para pastejo de animais.

Em sua visita ao Serro, realizada em março de 1817, Saint-Hilaire (1975, p. 146) assim a descreve:

A pequena praça de que acabo de falar, na qual está construída a igreja do Carmo, só é pavimentada em parte: no entanto, é de aspecto alegre e regular; as casas dispostas em seu perímetro são limpas e bem construídas; e

finalmente é embelezada pela vegetação dos morros que a dominam por todos os lados.

O acesso à água potável sempre foi um problema na evolução urbana do Serro. Embora a demanda existisse desde 1764, até o início do século XIX não havia nenhum chafariz ou fonte na parte alta da vila, região onde se encontra a praça João Pinheiro e a igreja de Santa Rita. Segundo relatos de Auguste Saint-Hilaire (1975, p. 146): “Não existia na vila um único chafariz e os habitantes eram obrigados a buscar no vale a água que necessitavam”.

Apenas em 1828 foi construído o chafariz da Matriz e do Largo da Cavalhada, o qual segundo descreve Silva (1928, p. 100), devia ser:

[...] uma coluna organizada de três peças vindas do pedestal; no meio quatro carrancas vomitando água por quatro canos, e sobre tudo isto uma pirâmide, tudo de pedra, tendo em baixo um tanque oitavado com quatro assentos para descanso dos recipientes chapeados com gatos de ferro ligados com chumbo, forrado o centro com pedras lavradas, de modo a não minar a água.

Seu construtor teria sido o mestre José Caetano, que em 1825 construirá um chafariz semelhante para a cidade de Conceição do Mato Dentro e o mesmo se encontra tombado pelo IPHAN (Figura 25).

Figura 25 - Chafariz da Praça Dom Joaquim em Conceição do Mato Dentro, semelhante ao extinto chafariz da Praça João Pinheiro em Serro.



Fonte: Bezerra (2007).

Porém, segundo o mesmo, posteriormente este fora substituído por um mais simples, sem muitos detalhes (Figura 26).

Figura 26 - Largo da Cavalhada durante as primeiras décadas do século XX, já com chafariz e poste de iluminação.



Fonte: IPHAN (2010).

Ao longo do século XIX, o Largo da Cavalhada foi se destacando como principal ponto de encontro, de manifestações populares, de eventos religiosos e manifestações políticas (BARBOSA, 2007).

Conforme publicado no jornal O Serro (1893 citado por FREIRE; SIMÕES, 1999, p. 24), o largo recebeu o calçamento estilo *pé-de-moleque*, rochas arredondadas ordenadas lado a lado, e também o muro da igreja do Carmo.

Lei nº 08 de 19 de Janeiro de 1893:
Fica o Agente Executivo Municipal autorizado a mandar proceder a todo calçamento de toda área junto ao Rancho do Carmo e construir um paredão que detenha as terras que desce do átrio da Igreja do Carmo procedendo orçamento e hasta pública. (Francisco Franklim Salgueiro, Chefe da secretaria da Câmara).

Em 1896, com a instalação da Câmara em uma das casas que circulam o largo, atual prefeitura municipal, o Largo da Cavalhada, que já era um espaço de comércio e lazer, passou a ser, também, o centro político da cidade (SOUZA, 1999).

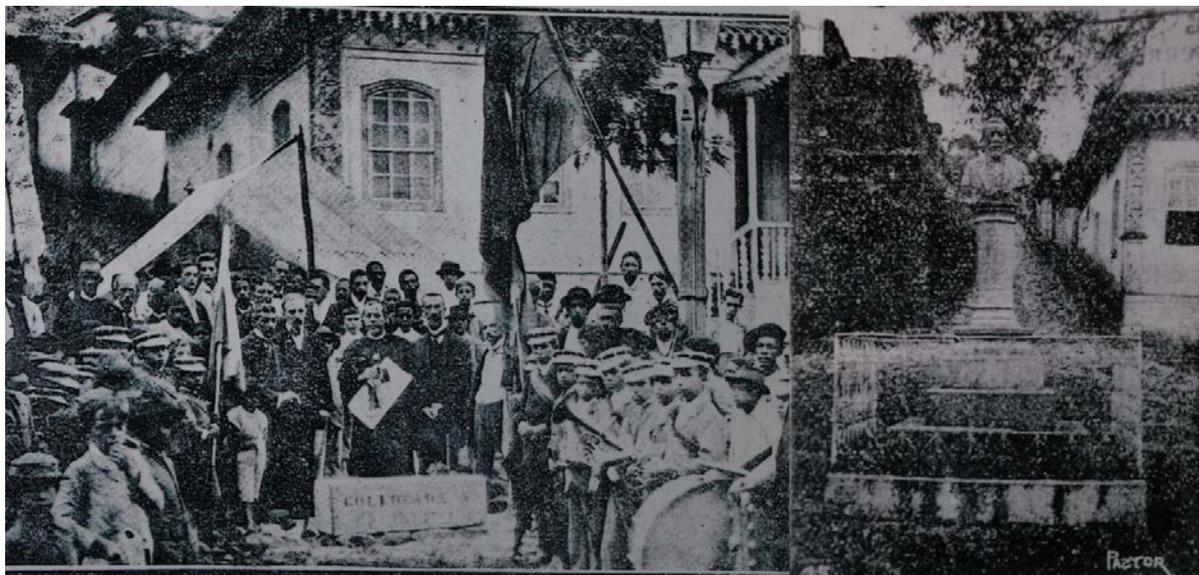
Em um depoimento coletado por Freire e Simões (1999), o serrano João Bosco de Mello relata como a praça era palco de discussões políticas e como era ativa a participação da população sempre frequentadora das reuniões da câmara.

O mercado municipal funcionou na cavalhada até 1929, quando já não comportava mais a movimentação de pessoas e foi transferido para a praça Ângelo Miranda, onde funciona a atual rodoviária.

3.3 Século XX - Jardim Público do Serro

No ano de 1913, foi realizada uma cerimônia na praça, para o lançamento da pedra fundamental onde foi disposto um busto em homenagem à Joaquim Vieira de Andrade (Figura 27), médico e Deputado Geral (1881/84). Era sobrinho de Teófilo Otoni, do qual herdou a paixão política, ligando-se também ao Partido Liberal. Ficou conhecido como o "médico da pobreza" pelo espírito humanitário e dedicação às obras da Igreja, em particular à Santa Casa, que ajudou a criar (PMS, 2016). A partir de então a praça passou a ser chamada Praça Dr. Andrade.

Figura 27 - Lançamento da pedra fundamental do monumento do Dr. Vieira de Andrade em 1913.



Fonte: Freire e Simões (1999).

Neste período também se inicia o processo de ajardinamento da praça com a introdução de espécies arbóreas e arbustivas, como cordilene (*Cordyline terminalis*), roseiras (*Rosa*

chinensis), jasmims e chapéu-do-panamá (*Carludovica palmata*) e astrapeia (*Dombeya wallichii*). O mobiliário da praça passou a ser composto de um coreto, com detalhes talhados em madeira, e bancos de ferro com acentos e encosto em madeira (Figura 28).

Figura 28 - Fotografia do coreto do Largo da Cavahada no início do século XX.



Fonte: IPHAN (2010).

Os coretos eram um espaço de descentralização e democratização cultural, quando a cultura saiu dos ambientes fechados e pode ser exposta nas áreas públicas. Os coretos foram palcos de manifestações políticas e testemunhas de transformações sociais. Além disso eram tidos como elementos essenciais capazes de proporcionar um diálogo entre a natureza e o homem através da música (LESSA, 2014).

Assim esses espaços passaram a ser mais frequentados, sendo comum presenciar famílias passeando nas praças, que serviam de áreas de lazer às crianças e adultos. Muitos casais também aproveitavam desse cenário para seus encontros. A presença dos coretos marcava a arquitetura da época e o dinamismo municipal presentes na organização e na gestão de eventos sociais (NUNES, 2013).

Em depoimento coletado por Freire e Simões (1999, p. 108), o coreto é lembrado por seus diferentes usos:

A praça era muito bonita, o coreto era para a banda tocar, mas tinham aqueles músicos que iam para lá, tocavam violão, tocavam acordeom, batiam pandeiro, como uma serenata. E era conhecido como “o coreto da fofoca”.

Tinham alguns elementos aqui no Serro, que iam prali só para fofocar, moravam por ali, iam só para fofocar.

Nota-se que no período em que ocorre o ajardinamento da praça, a mesma começa a ser chamada de Jardim Público como pode ser visto em alguns postais da época (Figura 29).

Figura 29 - Postal do Jardim Público do Serro com igreja do Carmo ao fundo (década de 1940).

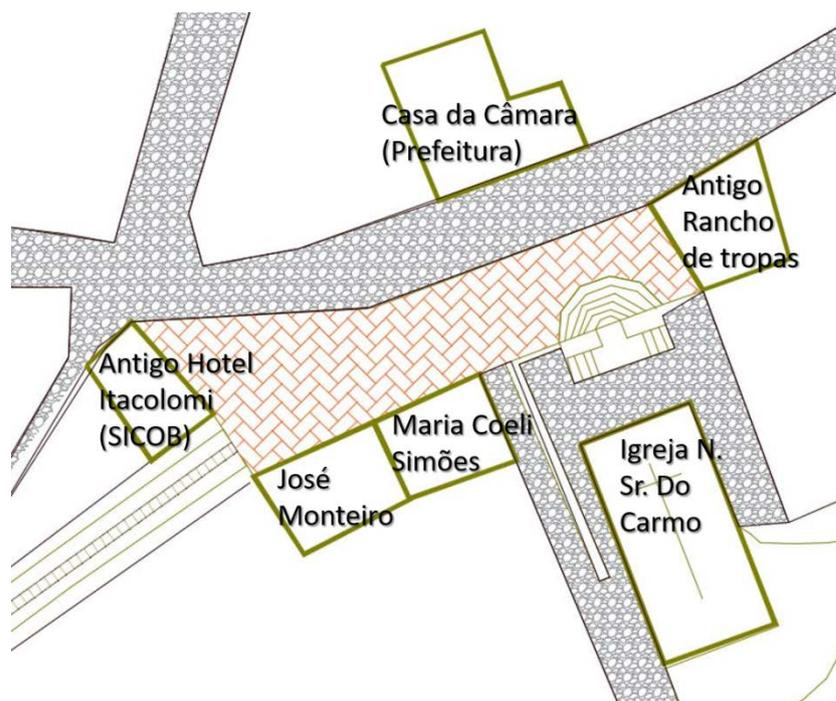


Fonte: IPHAN (2010).

A praça já era rodeada por residências familiares, construídas no final do século XVIII e início do século XIX. Dentre elas se destacam a residência particular atualmente pertencente a Maria Coeli Simões Pires a primeira a direita da igreja do Carmo, em seguida a residência do ex prefeito José Monteiro, onde ficou hospedado o naturalista Saint Hilaire durante sua visita ao Serro. Logo em frente, contornando a praça está o antigo Hotel Itacolomi, hoje Banco SINOB e entre as duas últimas construções está a escadaria de acesso a igreja de Santa Rita (Figura 30).

Do outro lado da rua Antônio H. Pires, também de frente a praça está o antigo casarão dos Carneiros, que pertenceu ao grande amigo de Dom Pedro I, José Ferreira Carneiro, que teria sido ofertada para hospedar o príncipe durante uma suposta visita ao Serro. Futuramente a casa dos Carneiros passou a ser sede da Câmara e também um grupo escolar. No casarão, que possui dois pavimentos na parte frontal, também já funcionou o mercado na parte de baixo e também um cômodo fora transformado em cinema quando adquirido por Manoel Joaquim Hildebrando.

Figura 30 - Entorno da praça João Pinheiro com suas principais construções.



Fonte: Adaptado de IPHAN (2017).

Após a transferência do mercado para outro local, Manuel Joaquim Hildebrando adquiriu o local onde ficava o rancho de tropas, que ficava entre a casa da câmara e a igreja do Carmo no mesmo nível da praça. Inspirado pelos riques de patinação que viu no Rio de Janeiro e Belo Horizonte resolveu construir uma estrutura semelhante. Inaugurado no início da década de 1930 o rinqe foi, durante um ano, o maior entretenimento da cidade (FREIRE, 1997).

“E o rinqe tornava-se uma alegria com o grande número de jovens e senhores patinando, lépidos e seguros ” (FREIRE, 1997, p. 67).

Já no final do século XIX era comum a pratica do “footing”, termo utilizado nas pequenas cidades do interior para explicar o ato de caminhar na praça ou espaço aberto a fim de propiciar encontros e namoros, ou lugar de ver e ser visto como define Segawa (1996) e se observa em depoimentos da época:

“Ali naquele centro, os rapazes e as moças faziam o passeio noturno. Eu ficava doida para passear na praça e o papai não deixava” (Figura 31) (FREIRE; SIMÕES, 1999).

A praça sempre foi ponto de encontro e era muito mais bonita: os bequinhos eram entre canteiros, geralmente triangulares e em cada ponta tinha um banquinho para os (pares de) namorados que ficavam sempre de costas um para o outro: Você está namorando aqui e o de lá não está te vendo, apesar de

que o beijo era uma coisa muito difícil; tinha que ser escondido, muito escondido (FREIRE; SIMÕES, 1999, p. 110).

Figura 31 - Jovens e crianças se divertindo na Praça Joao Pinheiro.



Fonte: Freire e Simões (1999).

Em depoimento concedido pela Sra. Vilma Monteiro, mulher do antigo prefeito José Monteiro, ela relembra do perfume dos jasmims existentes na praça, que se espalhava por todo o espaço durante a época do “footing” (MONTEIRO, 2016).

Após a instalação do busto do Dr. Andrade, ainda nas primeiras décadas do século XX, a praça também recebeu o busto do político João Pinheiro da Silva, modificando o nome da praça, que desde então recebe o nome de João Pinheiro (Figura 32).

João Pinheiro foi um importante político nascido no Serro no ano de 1860. Diplomou-se em Direito e dedicou-se paralelamente ao jornalismo, ao magistério e à política, atuando como secretário de estado, deputado federal, e governador de Minas proporcionando grandes avanços para a cidade. Faleceu em 1908, na cidade de Belo Horizonte. Em sua homenagem fora afixado um busto no Largo da Cavahada, que a partir de então recebeu a denominação de Praça João Pinheiro (ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO - APM, 2016).

Figura 32 - Busto em homenagem a Joao Pinheiro da Silva.



Fonte: Do autor (2017).

3.3.1 Influência política: a ditadura e a grande transformação da praça

O período marcado pela ditadura militar no Brasil (1964-1985) e também o que antecede, conhecido como ditadura Vargas ou Estado Novo (1937-1945), resultou em grandes transformações em praças e jardins públicos. A maioria dos jardins brasileiros tendia a substituir a vegetação por concreto e somente especificava plantas com espinhos (DELPHIM, 2005).

No Serro não foi diferente. Segundo depoimentos coletados por Freire e Simões (1999), foi durante o mandato do prefeito Antônio Honório Pires de Oliveira (1937-1945), já na década de 1940, final da Era Vargas, que a praça sofreu grandes alterações. Mesmo a cidade tendo sido tombada como patrimônio histórico nacional no ano de 1938, o General Raimundo Sampaio, da 4ª Divisão de Juiz de Fora, veio até o Serro para escolher um local para homenagear o centenário do nascimento do General Antônio Ernesto Gomes Carneiro (Figura 33).

O General Carneiro nasceu no Serro em 1846. Dentre seus vários feitos marcantes se destacam a companhia à D. Pedro II durante suas viagens a Minas, e comando das tropas durante a Revolução Federalista de 1894, quando faleceu em batalha (PEREIRA, 2003).

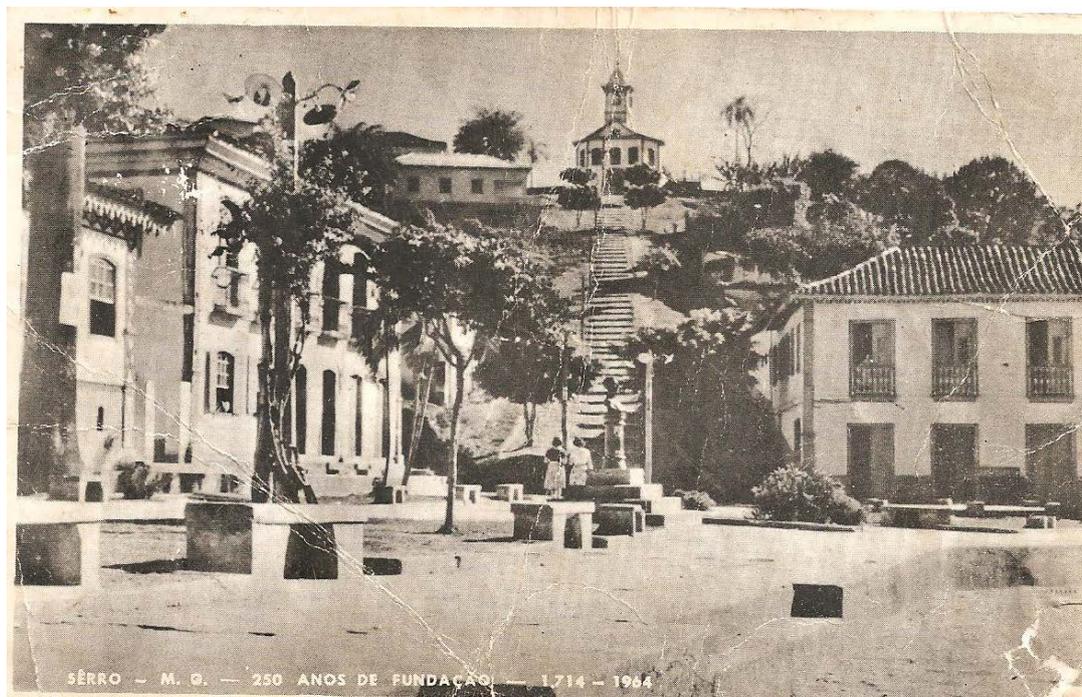
Figura 33 - Busto em homenagem ao General Antônio Ernesto Gomes Carneiro.



Fonte: Do autor (2017).

Afim de desfazer o pequeno desnível da praça, o calçamento foi removido e fez-se uma parede de tijolos, que foi preenchida com terra formando um degrau em nível elevado em relação a rua (Figura 34). O chafariz foi removido e o coreto foi transportado para a praça da matriz.

Figura 34 - Praça João Pinheiro após a reforma mostrando o degrau formado em relação a rua.



Fonte: Guia do Serro (1964).

Segundo relata o serrano José Augusto Clementino no livro *a Casa da Praça* (FREIRE; SIMÕES, 1999, p. 110):

Quando o exército veio, nem deu satisfação ao prefeito nem nada. Arrancaram o coreto e puseram naquela pracinha lá em baixo em frente à Matriz[...]. A gente arrumava uma turma para matar aula e ficava ali, naquele coreto. Uma tarde, nós juntamos uma turma e rolamos o coreto ladeira abaixo. Eu sou cúmplice da destruição do coreto. Quando estava na praça, ele era palco de música, de discurso de político; padre pregava em ocasião de festa. Lindo, o coreto!

Nesta época foram plantadas duas mudas de palmeiras imperiais (*Roystonea oleracea*), exemplares de astrapéia (*Dombeya wallichii*) e também buxinhos (*Buxus sempervirens*) (Figura 35).

Figura 35 - Praça João Pinheiro após a reforma na década de 1940.



Fonte: IPHAN (2010).

Após a grande reforma da década de 1940, a praça sofreu pequenas alterações, com introdução de algumas espécies como o Biri (*Canna X generalis* L.H Bailey) e a areca bambu (*Dyopsis lutescens*) (Figura 36).

Figura 36 - Praça João Pinheiro na década de 1980.



Fonte: IPHAN (Década de 1980) (2016).

Neste período também houve a introdução de novos monumentos, como os bustos de Teófilo Ottoni e Ephigenio Sales (Figura 37).

Nascidos na cidade do Serro, Ephigenio Ferreira Salles e Teófilo Benedito Ottoni foram dois jornalistas e estudiosos políticos que se destacaram na política do Brasil durante o tempo em que viveram. Ambos foram deputados e senadores, Teófilo no Brasil império e Ephigênio no Brasil República.

O busto de Teófilo Ottoni fora afixado em 1976, pelo povo da cidade fundada por ele e que leva o seu nome, no Vale do Mucuri. Já o busto de Ephigênio não possui registro preciso de sua instalação, mas sabe-se que foi posterior a 1983 pois em registros fotográficos até esta data o busto não se encontra na praça.

Figura 38 - Monumento em homenagem aos Tropeiros, atualmente localizado na entrada da Chácara do Barão do Serro.



Fonte: Do autor (2017).

3.4 Século XXI - A atual Praça João Pinheiro

Desde então a praça passou por pequenas modificações como a substituição do piso por um revestimento laminado com pedra de São Tomé. Houve a remoção de árvores como o Oiti (*Licania tomentosa*) pois segundo relatos atrapalhava a vista da escadaria da igreja de Santa Rita, porém, frequentadores da praça queixaram de terem retirado a única árvore que fazia sombra na mesma.

As duas palmeiras imperiais (*Roystonea oleracea*) foram removidas no ano de 2015, devido a um incidente com raios que comprometeram suas estruturas levando-as à morte e, por motivo de segurança, foram removidas (Figura 39).

Figura 39 – Praça João Pinheiro ainda com as Palmeiras Imperiais e o Oiti.



Fonte: Serro (2008).

Observa-se que a praça apresenta canteiros com forma arredondada, cobertos com grama esmeralda (*zoysia japônica*). Um círculo circunscrito com pingo-de-ouro (*Duranta erecta aurea*), delimita outras espécies dispostas sem ordem em seu interior, como areca-bambu (*Dyopsis lutescens*), açucena-gigante (*Crinum x powellii*), lírio-de-São-José (*Hemerocallis flava*), Cravo-de-defunto (*Tagetes erecta L.*), russélia (*Russelia equisetiformis Schltl. & Cham.*), hortênsia (*Hydrangea macrophylla* (Thunb.) Ser.), falsa-íris (*Neomarica caerulea*), rosinha-de-jardim (*Rosa chinensis var. sempreflorens*), margarida (*Leucanthemum vulgare Lam.*) (Figura 40).

Figura 40 - Canteiros da Praça João Pinheiro.



Fonte: Do autor (2017).

Muitas das espécies encontradas na praça são comumente encontradas nos quintais das casas do Serro. É interessante observar também, que muitas possuem um forte simbolismo religioso e cultural, como os cravos, rosas e lírios, que aparecem em canções folclóricas e textos bíblicos. Em frente à escadaria da Igreja de N. Sra. do Carmo e à residência do Dr. Monteiro também existem exemplares de palmeira fênix (*Phoenix roebelinii*).

Muitas das touceiras de areca-bambu já estão bem velhas com poucas ou nenhuma brotação que possa vir a substituir os exemplares muitos já danificados pelo tempo (Figura 41).

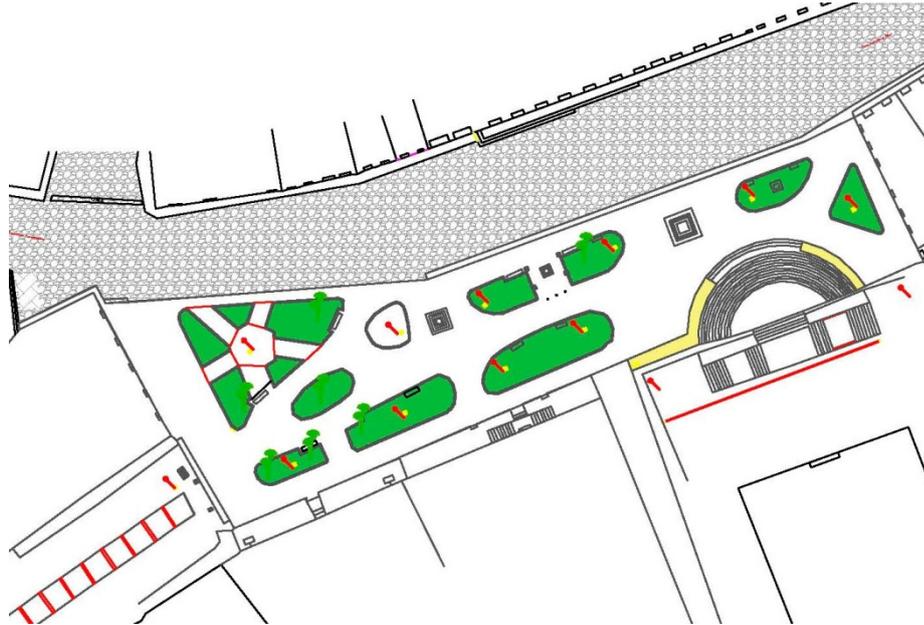
Figura 41 - Praça Joao Pinheiro em 2016



Foto: Do autor (2017).

Com relação ao traçado não foi possível identificar nenhuma relação característica com os estilos que comumente influenciaram os jardins brasileiros, como o francês, a exemplo do passeio público do Rio de Janeiro e a praça da Liberdade em Belo Horizonte (MAGALHÃES, 2013) (Figura 42).

Figura 42 - Projeto atual da Praça João Pinheiro.



Fonte: Adaptado de Caldeira Pavan Arquitetura (2016).

3.5 Festas reais e religiosas

Os locais destinados a realização dessas festas sempre foram os largos das igrejas e praças da cidade, devido ao enorme contingente de pessoas que se aglomeravam e participavam dos eventos (Figura 43).

As principais comemorações do Serro, antes da independência do Brasil, eram celebrações religiosas e as festas reais determinadas pela coroa: Anjo Custódio do Reino, Santa Isabel, Corpo de Deus e Padroeira Senhora da Conceição (PEREIRA, 2003).

Figura 43 - Procissão do Santíssimo Sacramento no Largo da Cavalhada e na rua Barão de Diamantina (década de 1940).



Fonte: IPHAN (2010).

Nos dias atuais muitas dessas festas já não possuem mais a dimensão que atingiam no passado. Talvez até pelo fato da igreja católica ter perdido um pouco do poder e influência que já teve no passado, ou mesmo a falta de incentivo do governo em ver essas festas não apenas como um ato religioso, mas também um evento cultural intimamente ligado à história do Serro e da população local.

Duas das festas mais marcantes da cidade, que se mantem até os dias atuais, são a Festa do Rosário e a Festa do Divino Espírito Santo.

A festa do Rosário é a festa folclórico-religiosa mais bela do Serro, caracterizada pelo seu sincretismo que combina cultura africana, indígena e europeia, em devoção à nossa senhora do Rosário dos homens pretos, a padroeira escolhida pelos escravos africanos intercederem por sua proteção e livramento.

A festa conta a história do encontro dos marujos (portugueses), caboclos (índios) e catopês (negros) com a imagem de Nossa Senhora do Rosário, a padroeira dos negros (Figura 44).

É interessante como os versos dessa canção entoada pelo grupo dos catopês retrata o perfume marcante de flores e frutíferas dentro da casa de São Benedito, que também é um santo negro que os antigos escravos eram devotos.

São Benedito, sua casa cheira
 Cravos e rosas, e fulô de laranjeira.
 Eivém São Benedito
 Ele eivém de lá de dentro

Com a nossa reiconga,
Para o nosso rei olhá.
São Benedito, sua casa cheira,
Cravos e rosas e fulô de laranjeira.

Figura 44 – Representação dos marujos e caboclos durante a festa do Rosário em Serro MG.



Fonte: Geisler (esquerda) (2016) e Procópio (direita) (2016).

Através dessas festas percebe-se uma forte ligação entre a cultura local e a praça, não só pelo uso e apropriação delas pela sociedade como também pela presença das mencionadas espécies, ornamentais e frutíferas, ainda nos dias atuais em canteiros da praça João Pinheiro e em quintais de casas do entorno.

3.6 Proposta de revitalização

Uma proposta de revitalização da praça surgiu com o programa Monumenta, que é uma estratégia do Ministério da Cultura que procura conjugar recuperação e preservação do patrimônio histórico com desenvolvimento econômico e social. Ele atua em cidades históricas protegidas pelo Iphan. O programa conta com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o apoio da Unesco.

Em uma proposta de intervenção paisagística realizada por especialistas do IPHAN no ano 2000, foram feitas algumas considerações a respeito dos jardins e praças do Serro. Segundo Delphim (2000), a posição dos bustos do General Carneiro e de Ephigênio Sales prejudicam a visibilidade da escadaria e igreja do Carmo, devendo os mesmo ser realocados. A proposta também sugere um novo desenho para os canteiros com emprego de plantas tradicionais de

jardins, além disso, sugere a introdução de espécies arbóreas que produzam sombra adequada aos momentos ensolarados do dia.

Esta proposta foi arquivada pela prefeitura municipal do Serro e pelo IPHAN até a liberação do recurso para as intervenções.

No ano de 2007, foi criado junto ao Ministério do Planejamento um novo programa, Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) – Cidades Históricas, que prevê a requalificação Urbanística, Restaurações, Implantações de novas instalações, etc., em várias cidades históricas. Dentre estes projetos estava a Requalificação Urbanística da Praça João Pinheiro em parceria com a Prefeitura Municipal do Serro, o Ministério da Cultura e o Iphan, cujo o investimento previsto é de R\$1.785.000,00 e encontra-se em execução, com data de referência de 30 de junho de 2016 (BRASIL, 2016).

Um projeto de revitalização da praça João Pinheiro foi realizado por arquitetos locais buscando atender as sugestões de intervenção paisagísticas propostas pelo IPHAN. O projeto apresentado propõe mudanças significativas no traçado da praça, como a remoção dos bustos, e o remodelamento dos canteiros. O projeto disponível ainda não previu as espécies que serão utilizadas nos canteiros e nem as espécies arbóreas adequadas para o local, apenas mantiveram as areca-bambu (*Dyopsis lutescens*) e no centro da praça propuseram a construção de um teatro arena em nível mais baixo, com o desenho de uma rosa-dos-ventos (Figura 45).

Figura 45 - Proposta de revitalização da Praça João Pinheiro.



Fonte: Caldeira Pavan Arquitetura (2015).

Como adequação a proposta de intervenção paisagística realizada pelo IPHAN, seria ideal a arborização com espécies como a quaresmeira (*Tibouchina granulosa*), que é uma espécie de porte médio, com copa não muito densa, nativa da região e com floração vigorosa e além disso possui nome com sentido religioso já que floresce durante o período de quaresma. Estas espécies devem ser plantas de forma a valorizar a visada da escadaria da Igreja de Santa Rita e sem prejudicar a fachada da Igreja do Carmo e dos casarões no entorno da praça.

Analisando ainda, o busto do João Pinheiro não deve ser removido já que a presença do mesmo dá um maior sentido ao nome adotado atualmente para a praça. Deve-se avaliar o retorno do monumento aos tropeiros para a praça, tendo em vista estes terem sido de grande importância para a economia da cidade.

A relocação dos demais bustos realmente se faz necessária, pois abre um maior espaço de frente o adro e escadaria do Carmo melhorando a acessibilidade e a visibilidade da mesma.

Nos canteiros devem ser mantidos as espécies de açucena-gigante (*Crinum x powellii*), lírio-de-São-José (*Hemerocallis flava*), cravo-de-defunto (*Tagetes erecta L.*), russelia (*Russelia equisetiformis Schltl. & Cham.*), hortênsia (*Hydrangea macrophylla (Thunb.) Ser.*), falsa-íris (*Neomarica caerulea*), rosinha-de-jardim (*Rosa chinensis var. sempreflorens*), margarida (*Leucanthemum vulgare Lam.*), comuns nos quintais das casas e presentes em cantigas folclóricas do Serro, assim como o resgate de espécies como o Jasmim do imperador (*Osmanthus fragrans*), lembrado por antigos serranos pelo perfume agradável.

O teatro arena proposto aparenta ser pequeno e por estar em nível mais baixo a visualização das apresentações se torna mais difícil. Deve-se avaliar a possibilidade do retorno do antigo coreto, que ainda está na memória da população, ou a construção de um pequeno palco, no mesmo local da arena, em nível elevado em relação à praça, pois é um local que oferece ampla visibilidade sem ofuscar a paisagem do entorno.

O projeto deve resgatar o passado com elementos significativos, buscando a revitalização ou a releitura desses elementos.

4 CONCLUSÃO

A praça João Pinheiro continua sendo o principal ponto de encontro da cidade e a população a reconhece como parte importante da identidade serrana, tendo retratado em suas transformações ao longo da história também o que viveu e sentiu a sociedade serrana.

O paisagismo existente na praça não oferece conforto aos cidadãos e não valoriza propriamente as espécies encontradas nos canteiros.

Os órgãos responsáveis devem reavaliar as propostas de revitalização levando em consideração a evolução da praça, preservando elementos históricos e a tradição do uso de plantas ornamentais no Serro, como apresentados neste e em outros trabalhos.

REFERÊNCIAS

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Disponível em: <<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

BARBOSA, A. A. **Uma fresta na Neblina**: estudo da possibilidade de restauro urbano do Serro. 2007. 289 p. Tese (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007.

BEZERRA, F. **Chafariz da Praça Dom Joaquim em Conceição do Mato Dentro, semelhante ao extinto chafariz da Praça João Pinheiro em Serro**. (Acervo pessoal de Fernando Bezerra). Disponível em: <<http://www.panoramio.com/user/1295488>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

BRASIL. Ministério do Planejamento. **PAC cidades históricas**. 2016. Disponível em: <<http://www.pac.gov.br/obra/65122>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

CALDEIRA PAVAN ARQUITETURA. (Autocad). Disponível em: <<https://www.caldeira-pavan.com/revitalizacao-praca-joao-pinheiro>>. Acesso em: 22 dez. 2015.

CALDEIRA PAVAN ARQUITETURA. **Projeto atual da Praça João Pinheiro**. Projeto com o Software Autocad/2012. Serro, 2016.

DANTAS, T. "**Cavalcadas**". Disponível em: <<http://brasile scola.uol.com.br/folclore/cavalcadas.htm>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

DELPHIM, C. F. M. **Intervenções em jardins históricos**: manual. Brasília: IPHAN, 2005.

DELPHIM, C. F. M. **Proposta de intervenções paisagísticas em sítios do centro histórico e adjacências na cidade do Serro, MG**. Brasília: IPHAN, 2000.

FESTA do Rosário do Serro: 287 anos de fé e tradição. Disponível em: <<http://circuitodo-sdiamantes.com.br/festa-do-rosario-do-serro-287-anos-de-fe-e-tradicao/#prettyPhoto/0/>>. Acesso em: 22 dez. 2015.

FONTE histórica. 2007. Disponível em: <<http://www.cidade-brasil.com.br/foto-conceicao-do-mato-dentro.html>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

FREIRE, D.; SIMÕES, Z. **A casa da Praça**: Praça João Pinheiro 58, Serro, MG. Serro, MG: [s.n.], 1999, 121p.

FREIRE, G. A. **Caminhos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 1997. 336 p.

GEISLER T. **Representação dos marujos e caboclos durante a festa do Rosário em Serro MG**. Disponível em: <<https://serromg.blogspot.com.br/2007/02/fotos-festa-do-rosario-do-serro.html>> Acesso em: 17 fev. 2016

GUIA do Serro: história da cultura no Serro. 1964. Disponível em: <<https://serromg.blogspot.com.br/2008/01/historia.html>>. Acesso em: 17 fev. 2016.

INSTITUTO DO PATRIMONIO HISTORICO E ARTISTICO NACIONAL. **Praça João Pinheiro na década de 1980**. Belo Horizonte, 2016. 1 Fotografia.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. **Censo demográfico - 2010**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=316710&idtema=1&search=minas-gerais|serro|censo-demografico-2010:-sinopse->>. Acesso em: 13 out. 2016.

LESSA, E. O jardim, o coreto e a banda de música: diálogos entre cultura e natureza. In: PIRES, H. et al. (Ed.) **Jardins-Jardineiros-Jardinagem**. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, 2014. p. 28-38.

LUGINBÜHL, Y. Paysage et identification, qualification et objectifs de qualités. In: PAYSAGE et développement durable: les enjeux de la convention européenne du paysage. Strasbourg: Conseil de l'Europe, 2006.

LUGINBÜHL, Y. Symbolique et matérialité du paysage. **Revue de L'économie Méridionale**, Montpellier, v. 46, n. 183, p. 235-245, 1998.

MAGALHÃES, C. M. Jardins históricos brasileiros: arte, história e patrimônio. In: SEMINARIO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN EN URBANISMO, 5., 2013, Barcelona. **Anais...** Buenos Aires: Departament d'Urbanisme i Ordenació del Territori. Universitat Politècnica de Catalunya, 2013. p. 1630-1639.

MONTEIRO, V. **Serro**. 9 jun. 2016. Entrevista concedida a Rafael de Brito Sousa e Aline Silva Mundim.

MUYLAERT, C. J. et al. Narrative interviews: an important resource in qualitative research. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 184-189, 2014.

NUNES, J. S. **O coreto na cidade de Lisboa: reintegração do equipamento no espaço público urbano**. 2013. 199 p. Dissertação (Mestrado em Design de Equipamento) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013.

PEREIRA, E. L. C. **Guia do Serro: a capital do norte na Minas colonial**. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2003.

PREFEITURA MUNICIPAL DO SERRO. **O Serro**. Disponível em: <<http://www.serro.mg.gov.br/o-serro.html>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

PROCÓPIO, P. **Representação dos marujos e caboclos durante a festa do Rosário em Serro MG**. Disponível em: <<http://passadicovirtual.blogspot.com.br/2014/06/a-tradicao-da-festa-do-rosario-no-serro.html>>. Acesso em: 23 dez. 2016.

RAYMOND, R. et al. **Les Atlas de paysages**: méthode pour l'identification, la caractérisation et la qualification des paysages. Paris: Ministère de l'Écologie, du Développement durable et de l'Énergie, 2015. 115 p.

SAINT-HILAIRE, A. de. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975. p. 23.

SEGAWA, H. **Ao amor do público: jardins no Brasil**. São Paulo, Studio Nobel/FAPESP, 1996.

SERRO. 2008. Disponível em: <<http://www.panoramio.com/photo/8157504#>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

SERRO. Disponível em: <<http://visiteminasgerais.com.br/mg/serro/>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

SILVA, D. A. F. S. **Memória sobre o Serro Antigo**. Serro: Tipografia Serrana, 1928. 187 p.

SIMÕES, M. R. **Serro**. 10 jun. 2016. Entrevista concedida a Rafael de Brito Sousa e Aline Silva Mundim.

SOUZA, M. E. **Aconteceu no Serro**. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1999. 312 p.

TIAGO, G. **Representação dos marujos e caboclos durante a festa do Rosário em Serro MG**. Disponível em: <<https://serromg.blogspot.com.br/2007/02/fotos-festa-do-rosario-do-serro.html>>. Acesso em: 23 dez. 2016. 1 Fotografia.